

a Cruz, a Igreja e o Reino



Uma batalha espiritual e interior

T. AUSTIN-SPARKS

a Cruz, a Igreja e o Reino



Uma batalha espiritual e interior

T. AUSTIN-SPARKS

The Cross, the Church and the Kingdom

Publicado como E-book por Austin-Sparks.Net

Publicado pela primeira vez nas revistas

“A Witness and A Testimony”

1948-1949

A Cruz, a Igreja e o Reino

Copirraite ©2024

Editora Restauração

Tradução

João Alfredo Ferraz Barros

Revisão

Paulo César de Oliveira

Capa

Editora Restauração

De acordo com os desejos de T. Austin-Sparks de que o que foi recebido livremente deveria ser dado livremente, e não vendido com fins lucrativos, e que suas mensagens fossem reproduzidas palavra por palavra, pedimos que, se você optar por compartilhar estas mensagens com outras pessoas, respeite os desejos dele e as ofereça livremente – sem nenhuma alteração, sem nenhum custo (exceto os custos de distribuição necessários) e com esta declaração incluída.

SUMÁRIO

O significado supremo da Cruz	1
Os recursos espirituais da Igreja para sua missão celestial...	13
O reino de Satanás e sua ruína	27
O Reino de Deus	43
O poder e o desafio do Reino de Deus	57
O significado da morte de Cristo	69
O triunfo da justiça.....	83
O Cristo triunfante e Seu povo.....	99
A coroação	115

CAPÍTULO 1

O significado supremo da Cruz

“[...] o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.” (Fp 2.5-11)

Sinto que há uma grande pergunta que é imperativo que o povo do Senhor enfrente nestes dias, e se pudermos respondê-la de forma viva e entrarmos realisticamente em contato com a resposta, grandes valores espirituais serão garantidos. A pergunta é esta: o que Deus revelou como Seu objetivo supremo resultante da Cruz de Cristo? A pergunta que surge a partir daí é: como Deus revelou que o objetivo deve ser assegurado e expressado? Provavelmente, será essa pergunta subsidiária que nos ocupará bastante nessas meditações, levando à resposta da pergunta principal.

Ao abordarmos essa questão principal, podemos fazê-lo por meio de uma série de perguntas. O resultado supremo da Cruz de Cristo se encontra no fato de haver grande quantidade de cristãos desfrutando do conhecimento de que são salvos? Além disso, são encontradas muitas pessoas salvas que procuram levar outras à mesma posição – desfrutando do fato de

serem salvas? Ainda mais, será que a resposta se encontra no fato de haver tantos cristãos salvos ocupados principalmente com sua própria santificação, com o caminho da vitória e com uma vida mais plena? E, mais uma vez, será que a resposta está no fato de tantos cristãos se dedicarem ao conhecimento das coisas mais profundas, as coisas mais profundas de Deus? E se juntarmos todas essas quatro perguntas, será que temos o objetivo, ou seja, o objetivo completo de Deus, na Cruz de Cristo? Todas as coisas que mencionei certamente fazem parte dele; mas quando temos todas elas – salvação, ganhar almas, santificação, educação –, será que termina aí? Será que alguma delas, ou todas elas, são o fim? Isso satisfará a Deus? Isso satisfará Seu desejo e expectativa e será um resultado adequado do Calvário? Bem, é isso que vamos analisar, conforme o Senhor permitir.

O círculo desenhado por todas as coisas que acabamos de mencionar ainda pode ser um círculo limitado em dois aspectos. Em primeiro lugar, tudo isso ainda pode se resumir em algo pessoal – minha salvação, meu serviço, minha santificação, minha educação espiritual. Em segundo lugar, tudo isso pode se resumir em algo muito amplo, se não totalmente, terreno, tendo a ver com a vida aqui nesta Terra – ser salvo, fazer com que outros sejam salvos, crescer na graça, aumentar o conhecimento espiritual. Pode ser algo bastante terreno, embora, é claro, leve ao Céu e tenha o Céu em vista no fim. Mas, afinal de contas, essa não é ainda uma posição circunscrita? Novamente, será que ela representa todo o significado da Cruz?

Ora, todas essas fases que mencionei são vistas no Novo Testamento. De fato, em certo sentido, podemos dizer que o Novo Testamento, em seções, trata com elas respectivamente. Romanos pode, em sua maior parte, tratar da primeira – nossa salvação. Coríntios pode tratar da segunda – nossa

santificação. O Novo Testamento definitivamente prevê cada uma delas de forma bastante específica e definida, mas o que devemos reconhecer é que nunca podemos, por meio de qualquer seção da Palavra de Deus, ver todo o propósito de Deus. Precisamos de toda a Palavra de Deus para todo o propósito de Deus.

Um povo para expressar o senhorio de Cristo

Portanto, quando realmente nos voltamos para a Palavra, descobrimos que a Cruz, como nossa base e como nosso caminho, nos leva a essas coisas, mas, por meio delas, sempre em direção a algo muito maior do que elas são, seja separadamente ou coletiva e inclusivamente, e é esse algo final que é o objetivo supremo resultante da Cruz do Senhor Jesus. Quando uso a palavra “final”, não quero desviar sua mente do presente. Não a estou usando no sentido de “depois”, “no fim”, no sentido de tempo, pois o fim é agora. Deus demonstrou que Ele teria uma vindicação completa da Cruz de Seu Filho agora.

Permita-me parar por um momento para uma palavra adicional sobre o que acabei de dizer. Nós, cristãos, devemos estar tremendamente interessados em nosso cristianismo, interessados não apenas como uma questão mental, mas como uma questão de coração; interessados no coração realmente para descobrir para onde somos conduzidos por toda a Palavra de Deus. Nós lemos a Bíblia; suponho que lemos alguns versículos todos os dias; alguns fazem muito mais do que isso; mas a Bíblia é o livro dos cristãos, e nós a lemos mais ou menos. Eu me pergunto quantos de nós realmente se aproximam da Bíblia com essa única pergunta no coração – para onde isso está me levando? A que tudo isso se destina? Não se trata apenas de algo que está acontecendo à toa. Há algo tremendo, algo imenso, envolvido. Há sempre um olhar para a frente, uma perspectiva, algo em vista, algo que está sendo apontado, algo

para o qual estamos sendo instigados, atraídos; e, juntando tudo isso, aonde chegaremos se virmos o que Deus realmente colocou nessa Palavra? Quantos fazem isso? Se de fato nos aproximarmos da Palavra de Deus com esse espírito – com essa indagação vinda de nosso coração, isto é, nascida do próprio amor que foi gerado em nós pelo amor de Deus: se não estivermos meramente interessados no cristianismo como nossa religião, mas como um relacionamento de coração com o Senhor para Sua satisfação –, se nos aproximarmos da Bíblia dessa forma, desejando saber qual é a intenção do Seu coração e, portanto, qual deve ser a intenção do nosso coração, e se tomarmos a Cruz do Senhor Jesus como a chave para tudo isso, seremos levados a algumas conclusões muito grandes, a uma posição muito grande.

Podemos tentar – pois não será mais do que um esforço – definir em uma simples frase o que é esse algo final? Posso colocá-lo dessa forma? A finalidade é mostrada como o supremo senhorio e liderança de Cristo, expresso e manifestado em todo o reino cósmico em e por um grupo de cristãos nos quais o significado divino da Cruz é uma realidade experimental.

Um relacionamento espiritual consciente, o fruto da Cruz

Analisando melhor, o que isso significa? Bem, em outras palavras, é o seguinte. Em primeiro lugar, os crentes vivem em um relacionamento espiritual consciente que é fruto da Cruz. Esse é o primeiro fragmento – um relacionamento espiritual consciente que é fruto da Cruz. Não pode ser nada além de um relacionamento espiritual. Não podemos viver em um relacionamento real, pessoal, físico e consciente com todos os crentes. Nós não os conhecemos. Conhecemos apenas um mero fragmento de todos os que existem. Não podemos organizar essa

coisa, colocá-la dentro do âmbito de uma organização, uma sociedade ou qualquer coisa do gênero. Só pode ser um relacionamento espiritual, mas pode ser um relacionamento espiritual consciente. O fato de ser espiritual não significa que tenha de ser inconsciente, abstrato, nebuloso, imaginário, algo em algum lugar, mas indefinido. Não; um relacionamento pessoal, consciente e espiritual com todos os crentes; embora eles possam estar espalhados até os confins da Terra, ainda assim algo foi feito pelo Espírito Santo que estabeleceu essas pessoas envolvidas em uma consciência relacionada com todos os outros crentes. Isso é absolutamente essencial para a finalidade – a expressão do senhorio e da liderança de Jesus Cristo. Isso não é algo abstrato e etéreo. É muito positivo e muito prático e, para que todo o reino cósmico sinta o impacto desse senhorio, esse relacionamento consciente e espiritual é absolutamente essencial.

Todos os poderes que ocupam esse reino cósmico, que têm seu próprio governo ali, não têm interesse nem se preocupam com as doutrinas da unidade cristã; mas têm muito interesse na relação real e espiritual; tanto que nunca deixaram, desde o dia de Pentecostes, de fazer com que um de seus principais objetivos seja dividir o povo de Deus em sua consciência espiritual. Se não conseguirem se interpor entre eles de outras maneiras, tentarão criar um senso de distância, de não relacionamento ou de relacionamento perturbado, por causa da tremenda importância dessa questão de um relacionamento vivo, prático, real, consciente e espiritual entre o povo de Deus – algo mais do que mecânico e organizado, algo espiritual.

Então, falamos desse relacionamento como o fruto da Cruz, porque isso nunca poderá ser feito sem todo o tremendo significado da Cruz do Senhor Jesus no reino que agora está rasgado e despedaçado e quebrado em fragmentos no que diz respeito ao relacionamento espiritual. Esse é um universo que

foi quebrado em pedaços, pedaços intermináveis. Sua harmonia e unidade foram completamente rompidas, e as forças que fizeram e fazem isso são esses poderes cósmicos. Isso não precisa ser discutido. Sabemos disso dentro de nós mesmos – a batalha pela tolerância, pela longanimidade, pela perseverança, pela bondade, pela paciência, pelo amor, pela consideração –, todas essas são questões muito práticas na vida cristã. Veja a maneira como essa ruptura está agindo, essas discórdias intermináveis em toda a criação, em todo o Universo. Não há nada que resolva isso, a não ser a Cruz do Senhor Jesus; e esse é um dos principais significados da Cruz ao qual estamos chegando neste momento – um povo em um relacionamento vivo, consciente e espiritual que é fruto da Cruz neles e neste universo. É por isso que lemos essas palavras em Filipenses. O objetivo é Seu absoluto senhorio soberano e liderança. Como você o alcança? “[...] haja em vós o mesmo sentimento [...]” E qual é a implicação contextual e a aplicação? “Rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no Senhor” (Fp 4.2). “[...] haja em vós o mesmo sentimento [...]” – uma mente intervindo para superar duas mentes conflitantes, e a única mente que fará isso é a mente d’Aquele que foi para a cruz e abriu mão de Sua posição e direitos pessoais e individuais em favor dos outros. Somente a Cruz resolverá essa situação. Sim, a necessidade é que os crentes vivam em um relacionamento consciente e espiritual que seja fruto da Cruz.

Uma posição espiritual acima da Terra

Em segundo lugar, é necessário que os crentes ocupem uma posição espiritual acima desta Terra; estando aqui, mas com uma grande distância espiritual entre eles e o que está aqui – e isso inclui o que está aqui nesta Terra religiosamente, tanto quanto de outras formas; é possível estar religiosamente

na Terra e ser religiosamente da Terra, tocando a Terra de forma religiosa. Entenda que, quando digo “tocar a Terra”, não estou me referindo a tocar o solo fisicamente, mas a tocar o reino no qual reside uma maldição. Há uma característica e um fator espiritual – ela foi amaldiçoada. Isso é muito forte? Poderíamos passar uma ou duas horas mostrando como isso é verdade. A marca da maldição é exatamente esta: não importa o quanto os homens pareçam avançar, desenvolver, produzir e alcançar; acompanhando cada “avanço” (?) e mantendo o ritmo de tudo o que é chamado de progresso, cada conquista, cada invenção, cada produção, há o elemento de uma maldição que se voltará contra o homem para sua própria ruína. Aquilo que ele descobre, inventa, produz, para o bem do mundo, acaba sendo para a destruição do mundo. Nos dias em que vivemos, estamos nos deparando com o mais completo desenvolvimento desse princípio da maldição que já se conheceu na história deste universo. Quando os homens fazem uma descoberta tão maravilhosa e realizam algo tão maravilhoso que, em uma fração de segundo, podem exterminar dezenas de milhares de pessoas da Terra com um único experimento, o que eles farão quando utilizarem a coisa desenvolvida? Invenção? Progresso? Ah, não, há uma maldição associada a tudo nesta criação. A ruína do homem se encontra em sua própria ingenuidade. Mas esse é um aspecto e uma expressão muito intensos e fortes desse princípio. Essa terrenalidade se tornou muito refinada em muitos aspectos; muito religiosa; mas ainda assim terrena, ainda algo amarrado aqui com suas expectativas, esperanças e empreendimentos, tudo aqui. Não é necessário, creio eu, ir muito além nessa linha desagradável.

Mas voltando a esse segundo fragmento da apresentação geral – estamos pensando nos crentes que vivem em um relacionamento consciente e espiritual que é fruto da Cruz, ocupando uma posição espiritual acima desta Terra e que se

preocupam com as coisas terrenas somente na medida em que elas se relacionam com interesses mais elevados, propósitos celestiais. Eles são um povo que vive no reino descrito naquela frase única do apóstolo Paulo: “nos lugares celestiais em Cristo”; um povo celestial; o que significa muito mais, é claro, do que estamos dizendo no momento.

Plenitude espiritual sempre crescente

Em terceiro lugar, a necessidade é de crentes que, por causa desse relacionamento vivo, consciente e espiritual, fruto da Cruz, e por causa dessa posição espiritual acima da Terra, sejam caracterizados por uma plenitude espiritual cada vez maior, pois quando o Senhor consegue pessoas assim e nessa posição, não há estagnação nem limitação. A plenitude espiritual é constante e crescente. Elas têm recursos, têm abundância e muito mais do que podem consumir por si mesmas. Isso não é ficção, é fato. Toda a Palavra de Deus confirma isso, que o pensamento divino também é um pensamento de plenitude. Onde quer que você encontre Deus alcançando Seu fim, é tudo por meio da plenitude. É o tabernáculo ou o templo? – então está cheio de Sua glória. É o rio de Deus? – ele está cheio de água. São as árvores do Senhor? – elas estão cheias de seiva. São os vasos de água? – estão cheios até a borda. É a Igreja? – então ela é “a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Ef 1.23). E assim poderíamos continuar. O pensamento divino está sempre na linha da plenitude. E eu disse que isso não é definitivo no tempo, é para agora – um povo que tem mais do que o trivial, mais do que apenas o suficiente para pagar as contas ou quase isso. A plenitude de Cristo – esse é o objetivo de Deus por meio da Cruz, e deve ser conhecido agora.

A expressão do governo celestial

Em quarto lugar, e por fim, no momento, há necessidade de crentes que, por causa das três coisas já mencionadas, mostrem que o Reino dos Céus é uma realidade espiritual e estendam seu alcance de fato – mostrando que os céus realmente governam, e que governam por meio e pela instrumentalidade de um povo, um povo celestial, como esse. Trazer o impacto desse governo supremo dos céus sobre as forças cósmicas deste universo é a vocação da Igreja da qual estamos falando, de um povo como esse; e esse é o significado da Cruz, em última análise. Para onde leva a Cruz? Sua salvação, minha salvação? Sim, é claro. Isso é tudo? E então eu deveria me ocupar em levar outras pessoas a essa posição? Sim, claro, sem dúvida. E depois, para que você e eu estejamos crescendo progressivamente na graça, na santificação, sendo conformados à imagem de Seu Filho? Muitas vezes sim, cem vezes sim, sem qualquer dúvida. E para que estivéssemos crescendo no conhecimento d'Ele, crescendo em nossa apreensão das coisas de Deus, nossa educação espiritual deveria continuar ininterruptamente? Sim, tudo isso está na vontade de Deus. Mas será que isso, ou todas essas coisas juntas, é o fim? Não, o objetivo da Cruz é que todo o reino de poderes e inteligências espirituais malignos sofra o impacto de tudo isso – que haja um registro prático de tudo isso objetivamente.

Eu disse que tudo isso pode ser pessoal, afinal de contas – minha salvação, sua salvação; minha santificação, sua santificação; minha vida de vitória, sua vida de vitória; minha educação, sua educação. Tudo pode ser muito individual e pessoal, e tudo pode ser algo aqui, de modo que as pessoas se reúnam em pequenos grupos sobre o assunto da santificação, outros sobre educação espiritual, outros sobre ganhar almas. Não, esse não é o propósito de Deus, em última análise, na Cruz do Senhor Jesus; mas Ele pretende que, por todos esses meios, ao

longo de todas essas linhas, esse fim seja alcançado – para que todo o sistema de trevas, maldade e iniquidade seja derrubado e submetido ao senhorio absoluto e à liderança de Jesus Cristo; que todo joelho se dobre a Ele. E isso deve ter um início muito real agora no que diz respeito a você e a mim nesse relacionamento espiritual. Deveria ser uma coisa prática agora, estendendo-se e expandindo-se, de modo que esse Reino dos Céus, expresso por meio desse povo, possa se registrar e ocupar um território cada vez maior para que o poder, o domínio e o mal do Maligno sejam cada vez mais limitados. É isso que a Cruz de Cristo realmente representa. Ela conduz os indivíduos em cada estágio e fase da vida espiritual, mas vai além. É esse impacto cósmico que é a justificativa final da Cruz do Senhor Jesus.

A necessária disciplina da cruz

Bem, esse é um desafio para nós. No início, eu disse que nós, como povo do Senhor, temos de enfrentar uma grande questão e quero dizer novamente que não acho que seja apenas a questão de nossa salvação pessoal. E não é apenas a questão de sermos ganhadores de almas mais zelosos. Para nós, deveria ter se tornado uma realidade há muito tempo que há uma preocupação profunda e sincera em nosso coração com a salvação de outras pessoas. Não é uma questão meramente de nossa santidade pessoal. Deus não permita que negligenciemos quaisquer necessidades nesse sentido, que fechemos os olhos para os pecados e defeitos na vida espiritual; mas, mesmo assim, há algo maior do que isso em vista. E quanto ao fato de buscarmos conhecer as coisas mais profundas de Deus, o que podemos dizer sobre isso se não for algo que funcione de alguma forma nesse reino em que estamos conscientes das atividades das forças espirituais, nesse reino no qual temos de nos mover –

alguns neste país e outros em outros países —, em que o principal problema não é a carne e o sangue, mas os principados e as potestades, as coisas obscuras deste universo, aquelas forças terríveis, pecaminosas e malignas que estão em ação? Se não alcançarmos isso, nossa busca fracassou e deixará muito a desejar. Essa é a grande questão. O que Deus revelou como o resultado supremo da Cruz de Cristo? É que Seu Filho deve estar no lugar de liderança soberana, suprema e absoluta neste universo, o que exigirá a deposição de toda outra soberania, nome e autoridade. E a Palavra de Deus diz que isso será feito por meio dessa mesma Cruz que operou em um grupo de cristãos para levá-los ao lugar onde, por meio deles, neles, essa soberania, essa liderança, foi estabelecida.

É um assunto importante e nos envolve em algo muito real no que se refere à disciplina espiritual. Você não pode ir para a faculdade ou instituto para aprender isso. Não é possível aprender isso por meio de conferências e reuniões. Não é possível obter isso por meio de nenhuma linha acadêmica. Isso nos envolve em uma transação muito real com o Senhor para que essa Cruz, com tudo o que Ele quer dizer com ela, realmente faça sua obra em nós; e Ele tem infinitas maneiras de fazer isso. A própria natureza da obra da Cruz envolve isso, para que sua operação seja sempre ao longo da linha que não gostamos, que nunca escolheríamos. Se a Cruz pudesse ser ajustada à nossa situação, seria uma cruz muito fácil. Mas não; ela sempre irá contra a corrente; essa é a sua natureza. Ela sempre exigirá aquilo que nunca escolheríamos. Quando o Senhor nos levar a considerar o caminho que Ele indicou, o caminho para alcançar Seu fim, nos depararemos com essas coisas. Então, veremos que toda essa batalha cósmica tem seu centro em nós por natureza e precisa ser resolvida ali, na cidadela do ser individual; e a cidadela é a vontade. Ah, uma coisa é falar sobre guerra cósmica, sobre autoridade sobre os poderes das trevas! Olhando

para a batalha, qualquer pessoa que tenha alguma experiência não fala levianamente sobre ela. Elas falam com muito cuidado e muita oração, pois a coisa toda, afinal de contas, não está fora de nós, está em nós, começa em nós. É uma questão da sua vontade e da minha vontade. O destronamento de Satanás e de todo o seu poderoso reino foi realizado pela vontade de um Homem que se sujeitou totalmente a Seu Pai e, no que diz respeito a Ele mesmo, deixou o inimigo completamente derrotado e expulso. Ele deixou o inimigo em existência, não aniquilado, a fim de nos levar ao mesmo lugar em que Ele mesmo chegou, e será exatamente da mesma forma – a batalha da vontade, travada em inúmeros pontos, até que Satanás não tenha mais lugar ou terreno em nossa vontade, e ele seja desfeito. Se o Senhor permitir, acompanharemos isso mais de perto mais adiante.

Você está vendo a grande questão. É uma grande questão! De minha parte, embora esteja convencido sobre esse assunto há anos, nunca estive tão fortemente convencido como estou hoje de que a única necessidade é de que um povo se levante em virtude de uma obra interior da Cruz para enfrentar essas forças malignas que são contra o propósito de Deus. Que o Senhor produza esse povo em parte, embora possa ser uma pequena parte, por meio dessas meditações.

CAPÍTULO 2

Os recursos espirituais da Igreja para sua missão celestial

“E os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha designado. E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” (Mt 28.16-19)

Um desafio espiritual a ser respondido

Há um desafio no tempo presente que talvez seja mais crítico e sério do que em qualquer outro momento da história deste mundo. Sem dúvida, nos primeiros dias da Igreja, o desafio era muito forte, mas naquela época a superfície da Terra invadida pelo Evangelho era muito pequena em comparação com a área de nossa época e, em muitos outros aspectos, as coisas eram muito menos desenvolvidas do que são agora. O desenvolvimento dos séculos proporcionou muito mais terreno e meios para a operação do reino das trevas em relação a este mundo, e esse desafio do reino do mal é muito, muito sério e intenso em nosso tempo. De muitas maneiras, a Igreja de Deus está ciente disso – talvez não completamente consciente da causa ou do motivo, mas ciente do fato de que está sendo sufocada, resistida, em grande parte anulada; ciente de certa impotência e ineficácia e da ausência de autoridade e poder para enfrentar uma situação espiritual que está se tornando tão

intensa. Digo que esse é um desafio do tempo presente que ameaça tornar a Igreja algo que, comparativamente, não deve ser levado muito a sério. O mundo pode passar e ignorá-la, e podem surgir situações aqui e ali com as quais ela não consegue lidar, diante das quais ela é impotente e indefesa – e ela sabe disso.

Esse desafio representa uma necessidade e, embora não tenhamos a presunção de imaginar que ela possa ser atendida por nós, ainda assim cabe a nós enfrentar o desafio e considerar a necessidade, e se Deus pegar os fracos e os pequeninos e torná-los aptos para algo muito, muito além do que fariam naturalmente, então pode haver possibilidades no que nos diz respeito, se realmente encararmos seriamente essa questão diante de Deus.

Falamos de uma situação espiritual, e não é necessário, creio eu, dizer que, embora estejamos muito conscientes de que a situação temporal está cada vez mais difícil para a obra de Deus, por trás de todas as dificuldades exteriores há um governo espiritual. As coisas visíveis são, afinal, apenas o primeiro plano, o palco, de algo muito maior que está por trás. “Os príncipes das trevas deste século” (Ef 6.12) não é uma frase sem sentido. É lá que está o problema e, até que exista algo que possa tocar as coisas ali com a autoridade de Cristo, a situação da Igreja é desesperadora. Podemos recitar com tanta facilidade – é o lema de todo empreendimento missionário – “É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.18-19). Acho que a ênfase, pelo menos a dedução na prática, está principalmente em “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho” (Mc 16.15), e não em “É-me dado todo o poder no céu e na terra”. “Portanto ide [...]”; a palavra “portanto” não foi dada e não recebeu seu lugar real e suficiente. Ela é o elo entre a incumbência e “todo o poder” investido no Senhor Jesus. E quanto à posição da Igreja no bem e no

valor desse “todo o poder”, isso não diz muito sobre o poder se o impacto atual da Igreja for o padrão para julgá-la. É isso que constitui a urgência do momento atual.

O desafio respondido em um povo espiritual

Tendo indicado mais uma vez que tudo isso é uma questão espiritual a ser enfrentada no reino espiritual, a obra de Deus deve, conseqüentemente, ser vista no reino espiritual antes que possa haver qualquer encontro com a situação temporal e sua superação. Aqui chegamos ao cerne da questão. Em nossa meditação anterior, falamos de um grupo de cristãos, de determinado tipo, em determinada posição, fazendo determinada obra. O que queremos dizer com isso? Bem, usar apenas palavras não é necessariamente útil. Precisamos explicar nossas palavras. Se dissermos que um povo espiritual, com relações espirituais, ocupando uma posição espiritual, enfrentando de forma preeminente as forças espirituais para derrubá-las, essa palavra “espiritual” nos escapa imediatamente. O que isso significa em termos de resultados práticos?

As marcas de um povo espiritual

(a) Vivendo pela vida divina, não natural

Em primeiro lugar, isso significa que a vida dessas pessoas deve ser vida espiritual. Na obra de Deus pode haver, e frequentemente há, a projeção de uma grande quantidade de força vital natural. Você pode chamar isso de outros termos – zelo, entusiasmo, ímpeto, energia, qualquer palavra que descreva o fato de você se empenhar com todas as suas forças para que a coisa dê certo. Portanto, com esse entusiasmo, com essa intensidade, com essa força, você realiza a obra de Deus. Mas

não é disso que estou falando. Se essa coisa vai ser feita no reino espiritual, ela só será feita pela vida espiritual, e a vida espiritual é algo totalmente diferente da vida natural. Como estamos baseando tudo na Cruz, permitindo que ela seja nossa base e nossa interpretação, é exatamente aqui que a grande divisão é feita, a grande diferença é reconhecida, a grande mudança ocorre. Na Cruz, no que diz respeito às coisas espirituais, toda a vida natural termina; ali, toda a energia natural, tão capaz de produzir qualquer efeito espiritual, é encerrada, é desacreditada. Até mesmo a vida física natural, a energia e a força, para produzirem qualquer efeito espiritual, não contam para nada. Quando se entra em contato com forças espirituais, qual é a utilidade da força muscular ou constitucional no reino físico e natural? Basta que essas forças toquem o corpo mais forte para que ele seja quebrado. Portanto, no Novo Testamento, toda a dependência da energia, da capacidade e da força da vida natural é deixada de lado, e os homens envolvidos são levados a parar com isso e a saber que a obra espiritual deles, sua responsabilidade espiritual, tem origem na vida divina até mesmo para o corpo, de modo que, sob a mão de Deus, eles chegam a um ponto em que, a menos que a vida divina seja ministrada até mesmo em seus corpos físicos – fortes como eram física e constitucionalmente antes –, eles não podem continuar, estão no fim.

Paulo é um excelente exemplo disso. Outros também o são. Pedro chegou à sua crise por causa disso. Ele estava muito seguro de si mesmo e do que poderia fazer, até onde poderia ir, o que poderia passar e suportar; mas ele teve de chegar, por meio da Cruz, na própria presença da Cruz, ao ponto em que reconheceu que nunca conseguiria passar por isso. As palavras do Senhor para ele tinham um significado imediato – “[...] não podes agora seguir-me, mas depois me seguirás” (Jo 13.36); não “depois”, isto é, no distante depois, na próxima vida, mas

“após”. Após o quê? – após você ter aprendido essa lição sobre a total impotência da vida humana e a absoluta necessidade e potência da vida divina, mesmo no reino físico.

Portanto, uma das grandes lições que esse povo precisa aprender experimentalmente é saber como viver pela vida divina; e quando chegamos a essa base, todas as questões são tiradas das mãos das eventualidades naturais. Aqui está Saulo de Tarso, um homem com uma força tremenda e aparentemente grandes poderes de resistência física, um homem com uma vida natural muito grande – o que deveríamos chamar de força da alma. O que o Senhor fez com ele? Ele o levou ao ponto de desesperar da vida para que não confiasse em si mesmo, mas em Deus, que ressuscita os mortos (veja 2 Coríntios 1.9). Ao descrever sua experiência, ele simplesmente insinua: “Bem, naturalmente eu sou um homem morto, a sentença de morte foi proferida sobre mim”. Mas aqui está esse homem indo em frente – um homem morto indo em frente. E não o encontramos no fim dizendo: “Agora vou ser executado, agora vão acabar comigo, tenho de ceder desta vez”. Não! A questão não é com imperadores, governos ou perseguidores. Ele vai terminar sua carreira – não para tê-la interrompida; não há aqui ‘coluna quebrada’¹; ele vai terminar seu curso, mantendo a fé até o último momento (veja 2 Timóteo 4.7); não tendo de desistir por causa das circunstâncias, mas, como ele diz em outro lugar, ele se oferecerá como uma libação (veja Filipenses 2.17). Ele não está exatamente na mesma posição que seu Senhor, que disse sobre Sua própria vida: “Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la” (Jo 10.18). Não cabe ao sumo sacerdote, nem à nação judaica, nem a ninguém mais – cabe a Ele dizer quando morrerá. Eles disseram: “Não durante a festa” (Mt 26.5). Ele disse,

1 N. do T.: Provavelmente o autor se refere a um termo militar, onde uma coluna de soldados é quebrada quando um soldado se retira da coluna.

de fato: ‘Sim, durante a festa; será no dia da Páscoa’; e foi.

A autoridade em Cristo, portanto, é, antes de tudo, em termos de vida. Para que haja esse impacto da autoridade divina sobre o reino espiritual do mal e da morte, as pessoas por meio das quais o impacto será registrado terão de chegar a essa base em que, até mesmo para sua própria vida física, terão de conhecer a vida de Deus, saber como extrair vida de Deus e como ministrar vida espiritual e divina umas às outras. A vida divina é algo extraordinário e, se estivermos vivendo de acordo com ela, não morreremos por estarmos velhos. Não vamos morrer porque a natureza diz que sim, ou porque o médico diz que sim! Vamos morrer quando o Senhor disser! E quando o Senhor decidir que a vida divina não é mais necessária para a realização de Sua obra por meio de nós, então entraremos em uma vida ainda mais abundante, e ela não será a morte. Essa é a autoridade de Cristo no universo em que a morte é o principal poder opositor. Esse povo precisa saber disso.

Ser levado até lá não é apenas um ensinamento; é um negócio sombrio e desesperador. É se deparar com um desafio, e um desafio de nada menos que toda a hierarquia de Satanás. A resposta a esse desafio deve vir ao longo da linha da vida divina conhecida por nós para o espírito, a alma e o corpo.

O desafio para a vida deve ser enfrentado corporativamente

E como esse assunto é corporativo! Estou falando de um *povo*. Sim, torna-se individual; tem de haver um exercício e uma experiência individuais; um conhecimento, uma aplicação e uma apropriação individuais; mas é algo mais do que individual. Nessa batalha, cada indivíduo precisa da cooperação e do envolvimento da Igreja. Ai do pobre indivíduo, seja ele quem

for, que entrar nesse reino de conflito espiritual sem o envolvimento dos santos!

Portanto, essa questão do triunfo no reino espiritual é uma questão da Igreja, e quando digo “uma questão da Igreja”, quero dizer que é uma questão corporativa. A Igreja pode ser designada e garantida por dois ou três em nome do Senhor, mas deve ser pelo menos isso para ministrar uns aos outros. Se a Igreja soubesse mais sobre isso e se empenhasse mais nisso, muitas tragédias que estão ocorrendo nunca aconteceriam! Quantas pessoas que estão sendo excluídas seriam separadas para a obra de Deus! Quantas aposentadorias da obra jamais aconteceriam! Será que elas representam o triunfo do inimigo? Todos aqueles que têm de desistir por falta de vida divina – isso é o triunfo do inimigo? Isso é o que quero dizer com pessoas espirituais em uma posição espiritual encontrando forças espirituais – primeiramente, conhecendo a vida espiritual (isto é, a vida divina) para o espírito, o homem interior: para a alma, para a mente: sim, e para o corpo.

A fraqueza natural é essencial para o poder espiritual

Aqui está o grande paradoxo do cristianismo – “quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Co 12.10). “O meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (v. 9). A vida divina não faz de nós Santos em um sentido literal, no sentido físico, de modo que nossos músculos se desenvolvem, nossos bíceps se tornam anormais e todo esse tipo de coisa. Em vez disso, na fraqueza há algo cuja retirada significaria que o frágil vaso se amassaria e desapareceria muito em breve. Há algo ali que não é natural; é a própria vida de Deus. Tudo tem de ser explicado com base nisso.

Gostaria de acrescentar uma palavra para evitar mal-

entendidos ou interpretações errôneas. Não estou dizendo que é errado ser saudável, ou mesmo ser fisicamente forte. Não estou sugerindo que vá até o Senhor e peça a Ele que lhe tire a saúde e a força. Mas eu disse que se essa é a base sobre a qual você está operando, se é com ela que está contando para a eficácia espiritual, você está errado; ela não conta de forma alguma. Você pode ser saudável e forte, mas precisa reconhecer que não é isso que fará com que esse trabalho seja realizado, mas sua necessidade é tão grande em termos de vida espiritual divina quanto a do mais fraco, do mais indefeso. Pode haver um lugar para sua saúde e força, mas é necessário algo mais do que isso para realizar a obra no reino espiritual.

(b) Conhecimento espiritual do Senhor por revelação, não por intelectualidade

A mesma coisa vale para a questão do conhecimento espiritual. Nenhuma quantidade de conhecimento natural, acumulado e estudado pode tocar as coisas espirituais. Há um valor no estudo da Bíblia, há um valor em acumular conhecimento das coisas em relação à Palavra de Deus e à obra de Deus. Não despreze isso e não deixe que nada do que eu disser o desvie da diligência nisso; mas, afinal de contas, embora você tenha uma grande quantidade desse conhecimento; embora conheça toda a sua Bíblia; embora seja o que se chama de um estudioso da Bíblia, tudo isso, em sua plenitude, fica aquém da eficácia espiritual. Não importa quanto disso você tenha, quando se trata de registrar esses conhecimentos espirituais, não há entendimento natural que possa tocá-los. Você nunca dominará as forças das trevas com inteligência natural e informações acumuladas, por maiores que sejam. O conhecimento espiritual é de outro tipo. Você pode ter o intelectual – eu digo, não o despreze –, mas deve reconhecer a necessidade de algo a

mais. Sim, eu conheço a Bíblia de certa forma, isto é, sei o que está aqui em palavras, sentenças e parágrafos reais, mas isso não me levará a lugar algum quando eu for lidar com coisas espirituais. Preciso ter algo mais do que isso – um entendimento *espiritual*, um conhecimento *espiritual*. Algo tem de vir de Deus por meio de iluminação e revelação em meu próprio coração a respeito dos pensamentos de Deus nesse Livro. Como podemos explicar isso? É muito difícil, mas é isso mesmo – talvez você entenda o que quero dizer. O conhecimento espiritual é de outra ordem. É somente Deus que conhece a maneira pela qual se pode encontrar os conhecimentos espirituais.

Portanto, esse povo que conta com algo nesse reino supremo – esse reino onde há responsabilidade apenas com a verdade –, esse povo terá de ser um povo de conhecimento espiritual e de entendimento espiritual. Paulo orou para que “o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais[...]” (Ef 1.17-18); e não é sem importância que essa oração por revelação e conhecimento espiritual precede o que ele escreve sobre as artimanhas do diabo e “porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas [...]” (Ef 6.11-12). Não há treinamento em nenhum seminário ou instituição que possa, por si só, equipá-lo contra as ciladas do diabo. Isso requer treinamento *espiritual*.

Treinamento espiritual prático, não acadêmico

Deixe-me colocar aqui um parêntese. Alguns que estão lendo isto podem estar preocupados com sua vida, seu futuro e estão se perguntando se o Senhor os levaria a servir a Ele. Alguns estão definitivamente sentindo que Ele o fará. A pergunta em sua mente é: como receberá seu treinamento e quanto à sua

preparação? Deixe-me dizer que, embora a instrução sólida na Palavra de Deus seja um alicerce necessário, não pense que somente isso é seu treinamento para a obra de Deus. Esse não é um treinamento ou qualificação adequados. A obra de Deus está em uma área em que, embora você possa ter tudo isso, pode estar em desvantagem; pode estar frustrado, quebrado, derrotado, como muitos servos de Deus estão hoje, porque não têm os bens espirituais para enfrentar a situação. Seu treinamento realmente vital será prático, na esfera espiritual. Ou seja, o Senhor lidará com você de modo a desenvolvê-lo como homem espiritual que conhece a vida espiritual e tem conhecimento espiritual, e isso só acontecerá por meio de um tratamento muito prático de sua vida com base na Cruz. Há muitos que não estão dispostos a passar por esse tipo de treinamento. Eles vão a estudos bíblicos, palestras teológicas e todo esse tipo de coisa; estão prontos para isso, mas não estão tão prontos para serem colocados em situações em que é extremamente difícil viver, conviver com outras pessoas, em que você se sente incomodado o tempo todo e tudo vai contra a sua vontade. Nessas circunstâncias, a única motivação e o único anseio de sua alma é sair dessa situação, fugir e encontrar outro lugar, outras circunstâncias; no entanto, fazer isso seria sair das mãos de Deus. Permanecer nas mãos de Deus significa permanecer nessa situação até que a Cruz tenha feito sua obra e você esteja feliz por estar ali, triunfante ali, tenha ganhado a ascendência espiritual ali, e o poder do inimigo sobre você ali tenha sido quebrado. Esse é o seu treinamento para a obra de Deus. Ele pode colocá-lo em qualquer lugar se o tiver assim, e você confiará; mas todo o resto pode não ser nada sem isso.

(c) Influência espiritual – o impacto de Cristo, não das pessoas

Então, esse povo deve ser caracterizado pela influência espiritual. O que queremos dizer com isso? Bem, sabemos o que queremos dizer quando falamos de pessoas influentes. Por uma razão ou outra, elas são pessoas que fazem diferença. Pode ser a personalidade forte delas, a agressividade pessoal, a iniciativa, a capacidade notável, seja ela inata ou adquirida. Elas não são insignificantes; são positivas, não negativas. Muito desse tipo de influência foi trazido para a obra de Deus, e as pessoas foram consideradas influentes nas coisas do reino de Deus em grande parte por causa dessa ou daquela característica natural, aquisição natural ou qualidades naturais inatas.

Você pode ser um gigante em influência natural, mas no reino espiritual os poderes das trevas podem rir de você. Sua estatura não é nada ali, sua medida natural não significa nada para eles. Sua responsabilidade nesse reino será exatamente a medida de sua vida espiritual; sua influência no reino espiritual, com Deus, com os homens e sobre os poderes do mal, será espiritual ou não será de forma alguma. Portanto, muitas vezes acontece que as coisas fracas, e as coisas que não são, são exatamente as coisas com as quais os poderes das trevas e os homens têm de considerar, das quais têm de prestar contas. Muitas vezes, acontece que, se fizermos um balanço de alguns crentes, não pensaremos muito neles; não pensaremos neles nem uma segunda vez; nós os colocaremos na categoria de pessoas que não contam. Mas, de alguma forma, você não pode descartá-los dessa maneira. Há algo ali que não pode ser explicado por sua personalidade ou falta dela, por sua presença física, por seu treinamento. Não há base para explicar isso e, ainda assim, você tem de reconhecer que eles fazem diferença para alguma coisa; é a influência espiritual. Um povo constituído dessa forma é o único capaz de atender à emergência deste tempo.

Esse povo será o instrumento pelo qual Deus demonstrará a Cruz de Cristo.

Mas o que isso significa? Isto: tudo em um povo assim deve ser atribuído ao Senhor. É isso. O que dissemos que Deus revelou ser o resultado da Cruz? É isso – Cristo absolutamente transcendente sobre todos os outros poderes, e isso expresso em um povo. Então, no que diz respeito a esse povo, o caminho para isso será o esvaziamento, o esvaziamento, o esvaziamento – para que em todas as coisas Ele possa ter a preeminência. É o Senhor Jesus, e não o povo, que deve estar em evidência. Os poderes malignos podem dizer: “Conheço Jesus, conheço Seu servo Paulo e conheço aquele povo espiritual; mas quanto a vocês, pessoas de pompa, cerimônia e desenvolvimento natural, quem são vocês, o que você são?”.

Espero que você esteja realmente vendo o que o Senhor está buscando. O Senhor deve Se manifestar em Seu universo por meio de um povo desse tipo. O desafio é para nós: aceitaremos tudo o que significa ser desse tipo?

Espiritualidade criada pela disciplina das circunstâncias

Agora devo acrescentar o seguinte antes de encerrar. O que tenho dito pode exigir um ajuste ou um reajuste das circunstâncias por parte de muitos. Veja, meu querido amigo, jovem, de meia-idade ou idoso – e vamos descartar o “idoso” à luz do que temos dito –, pode ser que você esteja em uma “faculdade de treinamento” agora como nunca esteve. Ir para um seminário ou instituição não acrescentaria necessariamente nada às suas oportunidades de ser preparado para a obra do Senhor. Isso conforta alguns, mas exige ajustes. Se você está nas mãos de Deus, você está na escola de Deus. O que está sendo

ensinado, o que está aprendendo, qual é o significado disso? Bem, é para conhecer melhor a Bíblia como um livro e todos os assuntos afins e associados ou é para conhecer o Senhor? Dê-me o homem ou a mulher que conhece o Senhor antes de me dar aquele que conhece todas as outras coisas sem isso. O conhecimento da Bíblia e todo esse tipo de coisa é valioso, importante, sim, em certo sentido, um fundamento e um complemento indispensáveis, mas *o* importante é conhecer o Senhor. E como você conhecerá o Senhor? – da maneira que tenho indicado: conhecendo-O como sua vida, conhecendo-O como sua sabedoria, conhecendo-O como sua influência.

Adapte-se às suas circunstâncias, à sua situação. Se eu fizesse um apelo para que rapazes e moças participassem de um curso de treinamento e dissesse: “Estamos iniciando um Instituto Bíblico; vocês entregariam sua vida ao Senhor e viriam para serem treinados para a obra d’Ele?”. Acho que alguns responderiam e diriam: “Sim, irei para ser treinado para a obra de Deus”. Se você já não está em treinamento, nunca se tornará alguém treinado simplesmente por frequentar um Instituto como esse. Adapte-se à sua situação atual já que é a vontade do Senhor que esteja nela. Adapte-se a ela como se estivesse em um centro de treinamento. Entre nela com um novo ajuste tão seriamente como se estivesse pedindo demissão na empresa, fazendo as malas e indo para um Instituto Bíblico.

Adote essa atitude em relação à sua situação atual e saiba que, enquanto estiver ali, de acordo com a vontade d’Ele, Deus ensinará você sobre Ele mesmo, e isso é o que importa. Ele ensinará você a viver de acordo com a vida d’Ele, a conhecê-LO com entendimento e conhecimento espirituais, a exercer e a exercitar uma influência espiritual. Não estou dizendo: “Não levante a questão quanto a saber se o Senhor, depois de uma provação e de um teste desse tipo, está querendo que você entre mais plenamente em Sua obra”. Pode ser que sim, mas acho

que você está entendendo o sentido da palavra aqui. Temos de nos ajustar à situação de nossa vida como um todo.

Muitos jamais sairiam de onde estão, mas essa é a sua faculdade, é onde deveriam estar aprendendo. Mas será que estão? Ou estão o tempo todo querendo sair, apenas suportando, aguentando, dizendo: “Aqui estou; acho que devo ficar até que surja outra coisa”. Qual é sua atitude? Observe os companheiros que remam em uma corrida de barcos. Chega o momento em que eles começam a treinar e o fazem com vontade, plenamente, dedicam-se a isso. Eles têm uma coisa em vista, e tudo tem de estar alinhado com isso – a aptidão para cumprir a tarefa que têm diante de si. Temos de adotar essa atitude em relação à vida quando estamos na vontade de Deus – “Este é um cenário no qual estou em treinamento, e me proponho a garantir todos os valores possíveis nessa situação de conhecer o Senhor, provar o Senhor, viver no Senhor, para que eu possa estar qualificado para atender à necessidade do momento” –, e é uma grande necessidade, uma urgência muito grande, que está confrontando o povo de Deus hoje.

CAPÍTULO 3

O reino de Satanás e sua ruína

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide[...].” (Mt 28.18-19)

“E qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.” (Ef 1.19-23)

Essa passagem de Efésios 1 é uma ampliação maravilhosa da breve declaração do Senhor Jesus de que toda autoridade no céu e na Terra havia sido dada a Ele. O apóstolo faz essa maravilhosa exposição do fragmento do próprio Senhor, mostrando que plenitude estava incluída nesse “todo o poder” – muito acima de todo principado, toda potestade, todo domínio, todos os nomes, todas as eras. Esse é “todo o poder” em sua amplitude, abrangência e conteúdo. Em seguida, o apóstolo diz, de fato, que quando o Senhor Jesus disse a Seus discípulos “Portanto ide [...]” – “por esta razão, por causa disto, ide” –, essa mesma plenitude estava reunida n’Ele mesmo como cabeça da Igreja, isto é, a Igreja está diretamente sob toda essa plenitude. A intenção é que ela seja projetada da cabeça para os membros e por meio deles. Poderíamos muito bem perguntar, em uma espécie de paráfrase das palavras do etíope dirigidas a Filipe

na carruagem – “Fala o apóstolo de alguma outra Igreja ou desta? A quem isso se refere?” –, pois é muito difícil ver algo que corresponda a isso na Igreja que conhecemos. Isso se aplica a alguma outra entidade ou se aplica a nós? Eu digo que há muito espaço para fazer essa pergunta, tendo em vista que a Igreja conhecida por nós está muito aquém disso. Mas a Igreja, na mente do apóstolo Paulo – a Igreja mencionada por ele ali –, é a Igreja na qual você e eu fomos batizados em um Espírito, e essa grandeza do Poder Divino é para nós que cremos.

Bem, essa é apenas outra maneira de nos colocar diretamente diante do desafio e da necessidade desta hora, o desafio de estar à altura e descobrir por que a Igreja é tão diferente e como ela pode estar de acordo com essa declaração. Começamos nossas meditações com a seguinte pergunta: o que Deus revelou como Seu objetivo supremo resultante da Cruz de Cristo? E o que acabamos de ler e dizer é a resposta – uma Igreja que corresponda a essa descrição, um povo que responda a essa apresentação da mente divina. Isso é o que Deus revelou como resultado supremo da Cruz – toda a plenitude reunida em Seu Filho como vital e organicamente relacionada à Sua Igreja, Seu Corpo, e essa plenitude em ação; a excelente grandeza de Seu poder em ação em e por meio desse Corpo em todo o reino cósmico.

No fim de nossa meditação anterior, vimos que Deus está realmente tratando conosco com esse fim em vista e que devemos nos considerar estando agora no centro de treinamento de Deus – no lugar onde, por enquanto, Sua vontade nos designou. Os centros de treinamento, do ponto de vista divino, não são instituições, nem seminários teológicos, mas onde estamos na vontade de Deus – esse é o nosso centro de treinamento; e pedimos a nós mesmos que nos ajustássemos a isso, com esta mentalidade, de que aqui Deus escolheu nos equipar para o

maior ministério para o qual os mortais jamais foram chamados – a expressão da exaltação e da liderança soberana de Seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo.

Quero continuar um pouco com isso, retomando o ponto referente ao nosso equipamento para esse ministério na linha da experiência espiritual pessoal, disciplina, treinamento – equipamento para esse grande propósito divino de expressar neste universo, e especialmente no grande reino dos poderes e inteligências espirituais, a soberania de nosso Senhor Jesus, em primeiro lugar em termos de vida divina triunfando em nós sobre a morte que está operando em nós e sobre nossa vida natural; e, em segundo lugar, em termos de conhecimento divino, maior do que qualquer outro tipo de conhecimento – o único tipo de conhecimento que pode desfazer e deixar de lado o engano de longo alcance e profundamente enraizado do falso conhecimento que Satanás conseguiu fazer com que a raça se apoderasse no princípio; e, em terceiro lugar, em termos de influência espiritual – o registro de algo que não pode ser explicado por nenhum magnetismo humano ou impressão pessoal, ou qualquer coisa que pertença ao homem ou à mulher –, uma influência espiritual e divina.

Essas são as coisas que constituem o currículo do treinamento espiritual que Deus Se comprometeu a realizar em você e em mim com o objetivo de alcançar esse reino espiritual, que é o serviço, acima de qualquer outro serviço, de reivindicar a Cruz do Senhor Jesus.

A busca de Deus – Personalidade espiritual em termos de Cristo

Pois bem, isso significa uma coisa: Deus está atrás de pessoas. São pessoas que são necessárias – não primeiro pregadores, professores, “obreiros”, ministros, missionários, no

sentido técnico, mas pessoas. Em que posição falsa podemos nos encontrar com esses títulos! Quantas pessoas são chamadas de missionárias que não são missionárias, ou de ministros que não são ministros! Há algo muito mais profundo do que o título. Nenhum título nos torna o que ele representa, e podemos ter o título e o uniforme e não ser a pessoa. Não, não são pessoas oficiais nem coisas que Deus procura – não expoentes de alguma ideologia espiritual, ensinamento, sistema de verdade, mas pessoas, apenas pessoas. Temos de aprender novamente a traçar linhas de distinção. Existe muita diferença entre uma igreja no sentido do Novo Testamento e uma congregação. Há muita diferença entre orar e uma reunião de oração. Você pode ter uma reunião de oração sem orar no verdadeiro sentido espiritual. Há muita diferença entre testemunhos vivos, por um lado, e ordenanças e ritos, por outro; e há muita diferença entre pessoas que representam algo oficialmente e encarnações pessoais de Jesus Cristo. Sim, a principal característica de nosso treinamento espiritual é a pessoa que é treinada; não os assuntos que são estudados, mas as pessoas que são treinadas.

Veja, há um princípio no treinamento espiritual, o treinamento que Deus está tentando realizar em sua vida e na minha, e esse princípio é a personalidade espiritual. E essa personalidade é Cristo; não a sua personalidade ou a minha, mas a de Cristo. Esse princípio é a base de tudo na Palavra de Deus. É tão claro, bem à vista nas Escrituras, que a visão de Deus sobre a raça é essa – ela é pessoal. É um homem; é Adão.

Esse é o próprio princípio da representação de pessoas na Bíblia. Veja o caso do sacerdote. Ele é a personificação e a representação pessoal de toda a nação de Israel. É uma nação sacerdotal, e o sacerdote é aquele para quem Deus olha como para a nação. Quando o sacerdote está certo, em uma posição e estado corretos diante de Deus e funcionando de acordo com as

prescrições divinas, a nação está certa, e Deus encontra a nação com base no sacerdote. Quando o sacerdote está errado, corrupto, poluído, tenha certeza de que a nação é assim, e é assim que Deus vê a nação. Tudo isso está reunido em um único homem, o sacerdote. O mesmo acontece com o rei: como é o rei, assim é o povo. Ele é a representação inclusiva da nação. É como se a nação fosse apenas um homem e esse homem fosse o rei; o que o rei é, a nação é. Não é preciso ir muito fundo para encontrar uma prova disso. Olhe para Saul e veja o estado da nação quando ele era rei. Olhe para Davi e veja o estado da nação quando ele era rei. E o mesmo acontece com o profeta. O profeta era a representação pessoal do povo. Ele era chamado para fazer todo tipo de coisas extraordinárias e estranhas, às vezes muito degradantes e humilhantes, a fim de retratar para a nação a visão que Deus tem dela mesma. E quanto ao próprio nome – Israel? É o nome de um homem, de um indivíduo, mas também é o nome de uma nação; o nome de um homem para uma nação. Esse é o princípio, veja você: Deus vê a raça como um homem, como uma pessoa.

Agora, se levarmos isso para Cristo, o princípio continua valendo. Graças a Deus, Ele não nos vê em nós mesmos. É Cristo que Ele vê quando nossa fé é depositada em Seu Filho. Quando cantamos, fazemos uma coisa tremenda:

*Ainda que o acusador brade
Sobre os males que cometi;
Eu os conheço bem e milhares de outros;
Jeová não os encontra.*

Isso é tremendo! Deus está olhando para uma Pessoa, e essa Pessoa é Seu Filho. É por isso que dissemos que Deus está buscando uma personalidade espiritual, e que essa é a personalidade de Seu Filho. Em seu efeito e resultado, é nada menos que – por assim dizer – trazer o Senhor Jesus Cristo, o

exaltado e glorificado Filho de Deus, do Céu para este universo, para registrar Sua presença, com tudo o que ela significa, entre as forças do mal. Você não pode fazer isso a não ser *sendo* isso. Não pode ser feito ao longo de nenhuma linha acadêmica de preparação e qualificação, ou por meio de títulos e ordens oficiais; isso não pode ser feito de nenhuma outra forma que não seja esta – que Deus tenha feito Cristo entrar em nós individualmente em medida, e corporativamente em medidas unidas, e que é Cristo aparecendo pela presença de Seu povo aqui; Cristo Se movendo, não apenas na Terra para os homens e para as nações, mas principalmente, preeminentemente, Cristo Se movendo no reino espiritual por trás das nações, por trás dos povos, por trás das condições.

O impacto de Cristo sobre os poderes espirituais

Sua presença – o que isso deve significar? Você faz uma pergunta simples: se Jesus Cristo estivesse aqui, o que aconteceria? Mesmo em Sua humilhação, o que aconteceria? Bem, haveria uma revelação por parte dessas forças malignas; Sua presença tornaria impossível que elas permanecessem ocultas. Elas clamariam: “Vieste aqui para atormentar-nos *antes do tempo*?” (Mt 8.29). Que traição! Será que eles sabem que há um tempo para a destruição deles? Eles sabem! E, além disso, sabem que Ele é Aquele que a realizará. Tremendo, não é mesmo? Traga-O para fora, *mesmo em Sua humilhação*, e haverá registro suficiente em todas as esferas. Mas ouça – “[...] segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome [...]”. Tragam *esse* Senhor! Isso, caro amigo, pode lhe parecer uma ideia maravilhosa. Você está perguntando sobre a possibilidade prática disso. Creio que Deus está

querendo nos dizer que, no que nos diz respeito, tem de ser muito mais assim do que tem sido – nós em Cristo e Cristo em nós; nós juntos naquela relação consciente e espiritual da qual falamos antes; isso tem de ser dito no reino espiritual. O inimigo está tendo muito espaço e caminho, e não é a vontade de Deus que seja assim; e é como se o Senhor estivesse nos dizendo: “Toda autoridade me foi dada no céu e na Terra. O que você vai fazer a respeito? É problema seu! Portanto ide...”.

Personalidade espiritual assegurada pela Cruz

Pois bem, essa questão da personalidade espiritual – que se resolve na questão de trazer Cristo para os eventos, e isso principalmente no reino espiritual –, como pode ser isso? E a resposta é: somente pela Cruz, mas segura e verdadeiramente pela Cruz. É a Cruz que está entre esses dois homens, o primeiro Adão e o último, representantes de duas raças. É exatamente aí que a Cruz tem seu lugar, entre os dois.

Antes de sabermos o que a Cruz significa, temos de saber o que esses dois homens realmente são, o que a liderança em ambos os casos realmente implica e significa, pois há uma liderança em ambos os lados. De um lado está o corpo do pecado, ou seja, a raça, toda a raça. Há um líder para esse corpo de pecado. Em seu próprio sentido e significado, essa cabeça é a cabeça de todas as coisas desse corpo do pecado. Satanás é o cabeça de todo o corpo do pecado, de toda a raça do primeiro Adão. Cristo, o último Adão, é o cabeça desse outro Corpo e o cabeça de todas as coisas desse Corpo – “da igreja, que é o seu corpo”. Precisamos entender o que a liderança realmente significa em ambos os casos, e ao entender essa liderança, sabermos o que os dois homens são; e precisamos entender para saber o significado da Cruz.

A raiz do pecado tratada pela Cruz

Lembre-se, então, de que a Cruz vem logo atrás de tudo o que é secundário em relação ao que é primário. *Os pecados* são secundários; *o pecado* é primário. Os pecados sempre foram secundários, eles são o resultado do pecado; e embora Deus tenha feito uma provisão, abrangente e conclusiva, para os pecados, Ele foi logo atrás e fez algo muito maior em relação ao pecado. O objetivo de fazer essa distinção é o seguinte: você e eu precisamos ter a perfeita clareza de que, até que o primário tenha sido resolvido, há pouca esperança de que o secundário seja resolvido. Você está lutando contra os pecados? Bem, você continuará lutando. A chave para os pecados é o pecado. Você precisa ir para trás de seus pecados, para onde Deus foi. O que é o pecado? Bem, em princípio o pecado é o reino de Satanás. O reino de Satanás não é um sistema organizado e oficial, algo literal e temporal, objetivo. O reino de Satanás está dentro de nós, assim como, para nós, crentes, o Reino dos Céus está dentro de nós.

A origem do pecado

Como o reino de Satanás está dentro de nós por natureza? É a natureza de Satanás em nós que é seu reino, e sua natureza é o pecado. É um poder atuante, como uma doença maligna – você pode chamá-la de toxina, veneno – que permeia a velha criação, atuando ativamente no sistema da raça. Esse é o pecado, e esse é o reino de Satanás. Agora temos de lidar com esse lado. Você verá imediatamente o outro lado, mas ainda não estamos do outro lado da Cruz. Podemos começar aqui – a Cruz e o pecado, a coisa primária. Nós o chamamos de “pecado original”. O que queremos dizer com pecado original? Bem, queremos dizer algo que remonta ao início e segue continuamente e está conosco desde aquele início muito, muito

distante.

Onde foi esse início? Ele não foi apenas muito, muito distante na história do homem, mas foi muito, muito além do início do homem. O pecado começou com Satanás, e há dois fatores no pecado original no que diz respeito a ele: primeiro, a relação imediata e próxima dele com Deus; segundo, seu lugar no exercício da vontade.

Agora vamos pegar nossas Bíblias. É claro que sua aceitação de nossa interpretação dependerá inteiramente de sua concordância com o fato de que há sempre um duplo pensamento e um duplo lado do que Deus disse no Antigo Testamento – que há um aspecto presente e terreno e um aspecto permanente e celestial. Se isso for aceito, então não teremos dificuldade com as passagens que vamos ler.

“Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me asentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14.12-14).

“Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro, e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônia, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspé, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de

Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogeadas” (Ez 28.11-16).

Você vê aqui as duas coisas que indiquei como fatores do pecado original. Em primeiro lugar, sua relação imediata e próxima com Deus. Ele está bem na presença de Deus; é algo contra Deus; é uma violação da singularidade, da solidão de Deus. Não pode haver dois seres supremos neste universo, só pode haver um, e qualquer coisa que desafie essa supremacia solitária e única é uma violação dela, é traição; e foi aí que o pecado original começou.

Em segundo lugar, sua sede está no exercício da vontade. Você notou em Isaías 14 o quintuplo “eu” [subirei, exaltarei, assentarei, subirei, serei]. É o coração do pecado, a essência do pecado; e o profeta, por inspiração, é levado a revelar algo que provavelmente nunca foi pronunciado em palavras por aquele a quem as palavras são atribuídas. É provável, na verdade acho que é certo, que Lúcifer nunca tenha se expressado em palavras. “Tu dizias *no teu coração*” – de modo que era uma questão de coração, uma atitude, um estado diante de Deus. A inspiração do profeta se resume ao fato de que ele foi obrigado a revelar algo que nunca havia sido revelado por meio de um pronunciamento verbal e audível, algo que estava no fundo do coração dele. Você se lembra das conhecidas palavras de Hebreus 4.12 – “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é *apta para discernir os pensamentos e intenções do coração*”. É aí que Deus vai. É ali no fundo, na vida interior, que essa decisão foi tomada, com esse quintuplo “eu”. É o operar interior da vontade, e Deus conhece o segredo de todos os corações. Não precisamos dizer isso. Ele pode simplesmente estar ali; Deus sabe; e esse é o pecado original. Ele está bem no fundo da vida.

É melhor enfrentarmos isso. É uma coisa feia. Não podemos entender a Cruz até que saibamos disso. Isso só aumenta a glória da Cruz e realça seu esplendor incomparável, quando vemos seu imenso alcance – até onde ela chega, até onde sobe e até onde desce. A Cruz é uma coisa tremenda. Bem, veja você, essa é a origem do pecado – o que chamamos de pecado original –, e essa é a toxina, esse é o veneno.

A natureza do pecado

Vejamos sua natureza. “Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura [...]” (Ez 28.17). Então o orgulho é a essência do pecado. É da soberba que nasce o pecado. Não é de admirar que a linguagem sobre a soberba seja tão forte! “Abominação é ao Senhor todo o altivo de coração; não ficará impune mesmo de mãos postas” (Pv 16.5). “Por causa da tua formosura”; então, a autoestima foi a causa; e seguida pela soberba é sempre rebelião. Você já viu uma pessoa soberba satisfeita? Apresente outra pessoa que pareça igualmente bem-vestida, bem-suprida; veja a reação da pessoa soberba: “Eu vou fazer melhor!”. A soberba, como você vê, dá origem, por sua vez, à rivalidade e produz esse espírito de rebelião, de descontentamento até mesmo com a melhor posição. A soberba nunca está satisfeita; ela sempre precisa subir mais alto, ter mais, ser melhor do que os outros. É rebelião; e a rebelião em ação levou à perversidade na natureza.

No Antigo Testamento, há duas palavras que abrangem principalmente a base do pecado: transgressão e iniquidade. Elas são as duas palavras em português para duas palavras hebraicas que significam, respectivamente, rebelião (transgressão) e perversidade (iniquidade). A rebelião em um ato produziu a perversidade em uma natureza. Nós, em Adão, fomos pegos no ato de sua rebelião. Adão se rebelou, motivado por um espírito de soberba – soberba provocada por essa

sugestão: “É assim que Deus disse [...]? [...] Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus” (Gn 3.1-5). A soberba se inflamou com o desejo de ter e ser algo que Deus nunca planejou – e certamente nunca planejou dessa forma, nessa linha.

O ato de rebelião, a contraparte da rebelião de Lúcifer, resultou em uma natureza; e quem negará que, em nossa própria natureza, somos perversos? Não importa quão santo, consagrado e devotado ao Senhor você possa ser, quão profunda possa ter sido a disciplina em sua vida e quão grande medida de semelhança com Cristo possa ter sido desenvolvida em você; se tiver um filho, veja se ele herda tudo isso! Ora, ele não terá muitas horas de vida antes que você possa ver e ouvir “eu quero”, “eu não quero”.

Infelizmente, não herdamos a semelhança com Cristo de nossos antepassados. A perversidade está em cada nova geração. Ela existe, e desde o que podemos chamar de forma simples dessa perversidade no choro rebelde, descontente e irritação do pequeno bebê até a vasta circunferência de toda a criação, em toda essa anarquia, luta, guerra, assassinato, crueldade, “desumanidade do homem para com o homem”, é a mesma coisa, a mesma natureza, a mesma perversidade inata.

O homem não pode domá-la, nem erradicá-la, nem curá-la. Ele pode criar sua Liga das Nações ou sua Organização das Nações Unidas com a intenção de refrear ou curar a perversidade internacional, e o que acontece? Bem, muito pior para a Liga das Nações quando ela entra em choque com o pecado original! Nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, que O amamos, que somos devotados a Ele, sabemos muito bem que, se formos colocados à prova, se formos testados pela adversidade, pelo sofrimento, pela decepção, pela frustração e pela

justiça divina das coisas nas quais nosso coração está determinado, não é muito fácil que a perversidade e a rebelião surjam em nós? Não é muito difícil para nós mantê-la sob controle? Ela está presente no velho homem; essa é a natureza do pecado. E isso em Satanás é a própria fonte principal de tudo com o qual estamos tão familiarizados e que é tão comum na criação. Foi daí que veio e essa é sua natureza, e dessa fonte o homem se tornou o que é. É assim que é, é por isso que é.

Ego: a fortaleza do pecado

Bem, então devemos olhar para o homem, e o que encontraremos? Qual é o aspecto central do homem? É a mesma coisa – ego, ego, ego, em alguma forma. O que nasce no sangue sairá. A vontade própria, o interesse próprio; o cálculo com base em como determinada proposta ou curso me afetará, se será para minha vantagem ou desvantagem; e assim por diante, infindavelmente. Isso não é visto apenas em formas grosseiramente sensuais, nem apenas nas formas mais comuns de ambição que podem até ser chamadas de dignas – o desejo de subir a escada do sucesso, e assim por diante. Mas isso pode se estender à nossa vida espiritual e se tornar um motivo secreto e oculto até mesmo em nossa busca por bênçãos e poder. Isso pode se manifestar em um Pedro que, quando o Senhor lhe diz: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (Jo 13.8), responderá, com o desejo ardente de ter o máximo possível para si: “Senhor, não somente os meus pés, mas também as minhas mãos e a minha cabeça”.

Não quero que você fique se analisando e introspectivo, mas digo que temos de ir direto ao ponto antes de entendermos a Cruz e antes que essa personalidade espiritual que é Cristo possa ser desenvolvida; pois é somente, como já dissemos, por meio da Cruz que o interesse próprio, a autossuficiência, a

autorrealização e uma dúzia de outras formas de ego são eliminadas. Não apenas o eu que afirma-se e é agressivo, imperioso, que busca e ama os holofotes, mas também aquele que se compadece e chama atenção para si mesmo por ser uma pessoa tão pobre, miserável e desgraçada – tudo isso é ego. Qualquer coisa que tenha o efeito de nos colocar em evidência é o ego, e a Cruz fica bem no caminho disso e diz ‘não’ a tudo o que veio de Satanás, seja qual for a forma que assuma – seja autorrealização, autoafirmação, autoesforço, autodireção ou autopiedade com seus negativos e sua inferioridade. Satanás está em algum lugar por trás de tudo isso, e ele o usará, e o efeito é a ocultação de Cristo; e é preciso lidar com isso de alguma forma. Essa é a escola em que estamos. É essa aliança do homem caído com Satanás na própria natureza das coisas que resume toda a Bíblia de um ponto de vista e mostra a posição de Deus em relação ao homem quando ele está em sua própria base, e não na base de Deus.

O pecado é essencial para o reino de Satanás

Bem, a questão: é um reino. Foi aí que começamos. O que é o reino de Satanás? Algo lá fora, remoto, objetivo? Você está se propondo a vestir uma armadura e sair para atacar o reino de Satanás – algo distante, na Índia, na China, nas favelas do Rio? Não; o reino de Satanás está, antes de tudo, dentro de você. Até que algo seja feito em seu interior, Satanás não é destronado, seu reino não é derrubado; ele está ali. A força dele está na natureza que ele introduziu na raça como veneno, com a permissão e a concordância do homem. Esse é o lado sombrio e terrível, mas é essencial que compreendamos o fato e a natureza desse reino.

Enquanto não enxergarmos isso claramente, não estaremos nem perto de ver o significado da Cruz ou do Reino dos

Céus, pois a Cruz entra em cena para dizer Não – completamente, finalmente; para sempre, Não – a essa criação caída; e, graças a Deus, ela não apenas diz Não, mas também o realiza. Estamos nas mãos de Deus se formos o povo do Senhor. Nós sabemos – e se não sabemos, há algo errado em algum lugar, há um obstáculo em algum lugar que precisa ser examinado –, ou deveríamos saber, pelo testemunho do Espírito dentro de nós, sempre que o ego afirma-se de alguma forma. Não é essa a explicação para as muitas batalhas e experiências secretas quando tivemos de nos afastar sozinhos e tratar com o Senhor? Dissemos ou fizemos algo que não era apropriado; ou nossa maneira, se não a essência de nossas palavras, foi errada; ou tivemos uma atitude arrogante, falamos sobre nós mesmos e trouxemos todos os enfeites desta vida e deste mundo à tona, transformando em algo que pertence à velha criação; e ficamos infelizes depois disso, somos miseráveis. “Isso não foi só morte? Por que fui pego dessa forma?” A única coisa a fazer é ir para a presença do Senhor e se reajustar. Sabemos muito sobre isso. Estamos na escola quando isso está acontecendo.

Acho que devemos parar por aqui, apenas com essa conclusão. Essa é a natureza do reino que somos chamados a destruir. Essa é a natureza da guerra. Não se trata primordialmente de lidar com Satanás e os demônios pessoalmente, mas de lidar com a base sobre a qual esse reino está fundamentado e que sustenta seu poder. Essa base é o pecado, e o pecado é essa rebelião e perversidade inatas. Portanto, a derrubada do reino de Satanás ocorreu na Cruz do Senhor Jesus, onde o pano de fundo de tudo foi tratado e Satanás foi expulso – não apenas pessoalmente: não imagine Satanás como uma pessoa sendo expulsa, Satanás expulso nesse sentido, ou seja, que sua base moral de poder foi tirada dele. Ele foi confrontado com outra natureza na qual não havia perversidade, e essa natureza era forte demais para ele; e nos foram dadas promessas extremamente

grandes e preciosas para que nos tornemos participantes da mesma natureza divina (veja 1 Pedro 1.4). É nessa linha que Satanás perde seu poder.

CAPÍTULO 4

O Reino de Deus

Tentamos transmitir a você algo do nosso forte sentimento de que estamos em um ponto muito crítico na história espiritual deste universo. Para qualquer pessoa que esteja observando o movimento destes tempos, são necessários muito poucos argumentos ou evidências de que o movimento é muito ameaçador. No que diz respeito à obra de Deus nesta Terra, a situação é muito séria. Em diferentes formas, sob diferentes nomes e em vários graus de intensidade, todo o sistema do mal – aquilo que se opõe a Deus – está se acentuando muito; e está perfeitamente claro que o esforço está aumentando muito para pressionar Deus para fora deste mundo.

O lugar de Deus, no que diz respeito a essas coisas, está diminuindo aqui; até mesmo nos países que têm sido chamados de cristãos o paganismo está ganhando o controle rapidamente, e a menção a Deus está diminuindo muito. É claro que podemos ver isso em outras partes do mundo em formas muito mais intensas. O que antes era uma tendência inata, mais ou menos passiva, agora está se tornando positiva e cada vez mais. Tudo isso é um tremendo movimento conjunto do único reino por trás de tudo, para levantar a questão final: quem será o senhor reinante desta criação? Eu poderia acompanhar isso muito mais de perto, levantando muitas questões, como a liberdade religiosa, a liberdade da humanidade e assim por diante. Mas você vê a direção das coisas e a atividade maligna, seja qual for o nome que se dê a ela. O único resultado de tudo isso é essa questão do domínio mundial. Podemos ver claramente que ela está se resolvendo, não em uma série de questões, mas em uma única questão: qual reino prevalecerá? Essa é uma questão mais urgente hoje do que jamais foi na história

deste mundo.

Todo o povo do Senhor na Terra hoje está relacionado a essa grande questão. No que nos diz respeito, somos levados pelo Senhor a enfrentá-la, e é nesse contexto que tudo o que foi e ainda será dito nestas meditações tem seu significado.

O Reino de Deus, o domínio de Deus

Então, afastamo-nos dos detalhes para tentar focar no assunto e notamos que estamos em um reino não menos importante do que o do propósito divino na criação. Que reino é esse? Só podemos falar dele em termos muito amplos. Dizemos, então, que tudo isso está reunido em uma única frase: o Reino de Deus. Estamos tão familiarizados com essa frase que acho que talvez não tenhamos conseguido entender o que ela significa. Bem, para começar, o Reino de Deus é o domínio *de Deus*; e o domínio de Deus expressa a Ele mesmo. Deve ser assim. O princípio que permeia toda a Bíblia é esse. Onde quer que Deus esteja, essa esfera deve estar em conformidade com Ele, deve ter o caráter d'Ele, deve expressar Sua própria mente, deve expressar o que Ele mesmo é. O Reino de Deus é o domínio de Deus. O Reino de Deus é o domínio de Deus que expressa Ele mesmo, que assume o caráter d'Ele, no qual tudo, até o menor detalhe, fala de Deus, mostra como Deus é.

A bênção do Reino

Ela fala de Deus e, portanto, tirando seu caráter d'Ele e tornando-se expressiva d'Ele, está repleta da bem-aventurança de Deus; não conheço palavra melhor do que essa. Você sabe que há um pequeno fragmento, que infelizmente foi mal traduzido em nossa versão, “o evangelho da glória de Deus

bem-aventurado” (1 Tm 1.11), que é, literalmente, “o evangelho do Deus feliz”. Você pode retraduzir o que é chamado de Sermão do Monte dessa forma, não “Bem-aventurados são...” estes e aqueles e aqueles, mas “Felizes...”. O Sermão do Monte é, como você sabe, o estabelecimento do alicerce moral do Reino, e tudo isso representa um estado de coisas muito abençoado, de modo que, quando o Reino de Deus for realmente estabelecido e se espalhar por todos, ele estará repleto da bênção de Deus. Não se trata apenas de um reinado e governo imperioso e despótico de Deus, o Todo-Terrível. O reino de Deus é um reino muito abençoado, e todos nele são pessoas muito abençoadas, muito felizes; e isso está por trás da própria existência da criação – a intenção de Deus de estender Seu Reino.

A extensão do Reino nesta Terra

Isso pode ser, em parte, uma especulação, porque não conhecemos as condições de outros planetas e mundos. Pode ser que esse estado muito abençoado já exista ali, visto que Deus criou tudo. Pode ser que este planeta seja o pródigo², que tenha saído de sua órbita espiritual e perdido o Reino e precise ser restaurado. Isso é especulação porque não sabemos, portanto temos de usar essa frase “a extensão do Reino” com certa reserva; mas acho que não estamos errados ao usá-la dessa forma – que Deus, no que diz respeito a este mundo, estava determinado a estender Seu Reino; que este mundo é a extensão do Reino de Deus que acabamos de definir, e que Deus o criou para ser, de alguma forma específica, uma representação e expressão de Seu Reino; em seu caráter espiritual, para dar uma manifestação de Si mesmo. Há muitas coisas reunidas nisso, é claro, sobre as quais não podemos ficar falando. O próprio fato de que foi nesta Terra que Deus Se encarnou – com tudo o que

²2 N. do T.: provavelmente o autor está se referindo à parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32).

se seguiu, Deus em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo – e toda a maravilhosa revelação que nos foi dada sobre o que Deus fará nesta Terra, por meio dela e em relação a ela, pelo menos sugere que o Reino de Deus tem alguma aplicação específica e peculiar ao mundo em que você e eu vivemos.

Mas nosso propósito aqui é indicar a intenção de Deus, que se tornou inequivocamente clara por meio da revelação – que o Reino de Deus é o objeto e o motivo por trás desta criação; e o reino de Deus é aquele do qual falamos – Seu domínio, que toma seu caráter d’Ele mesmo e, portanto, está repleto da bênção do próprio Deus.

Mas o Reino de Deus é a esfera que é governada por Deus – não sob um governo delegado, mas sob Seu próprio governo pessoal; e, portanto, a sabedoria infinita, o amor infinito e o poder infinito são os fatores que governam Seu reino.

A sabedoria infinita é um fator que governa o Reino de Deus; sabedoria que ultrapassa em muito toda a inteligência, compreensão e conhecimento acumulados pelo homem; sim, sabedoria infinita. Amor infinito, pois Deus é amor; e poder infinito. Bem, esta é a razão. Esse é o Reino de Deus no sentido desta criação.

O Reino na Terra confiado e traído

(a) O primeiro Adão

Mas passamos para aquela cena terrível em que esse reino, para que se concretizasse, teve de ser confiado ao homem. Visto que se trata de um reino moral – não apenas mecânico, não é algo concretizado pela determinação soberana de Deus independentemente da resposta do homem –, o homem teve de cooperar por sua própria vontade. Sabemos como Deus

entregou os interesses de Seu reino ao homem – de certa forma, fez do homem o guardião de Seus grandes propósitos; e depois a tragédia da grande traição, em que o homem falhou com Ele e traiu Seus interesses entregando nas mãos de alguém hostil, do qual falamos em nossas meditações anteriores, que tinha em seu coração o propósito de usurpar o lugar de Deus e que, ao descobrir que isso não funcionava, determinou que teria um reino em oposição ao de Deus. O homem traiu a confiança entregando nas mãos desse rival, de modo que, por enquanto, o Reino de Deus, no que diz respeito a esta criação, foi suspenso. Mas Deus não abandonou Sua intenção por causa da traição, de modo que, embora toda a raça, que deveria ter sido a esfera de realização do reino divino, tenha sido entregue a outras mãos, Deus agiu em relação à Sua intenção de tirar daquela raça um povo.

(b) Israel

Conhecemos o mover de Deus – primeiro um homem, depois uma família, uma tribo, uma nação; uma nação eleita na qual todo o significado do Reino de Deus deveria ser ilustrado no princípio. É muito maravilhoso reconhecer plenamente o significado dessa nação eleita, desse povo escolhido, dessa nação que estava fora das nações, mas não era considerada entre as nações. Por que Deus escolheu Israel? Para dar, em meio às nações, uma demonstração, uma ilustração do Seu Reino; uma expressão temporal e parcial, mas ainda assim muito verdadeira, do Reino de Deus, onde o governo é teocrático e onde Deus, tendo as coisas de acordo com Sua própria mente e sendo capaz de Se expressar, mostra como é abençoado para o homem viver sob esse governo; pois há esse lado da história de Israel que é uma expressão maravilhosa, mesmo que imperfeita, do que Deus quer que seja todo o Seu domínio.

Ouvimos falar de uma terra que mana leite e mel e

tudo o que há nela; vemos que o povo realmente se estabeleceu nos grandes dias de sua história nacional com riqueza transbordante, com prosperidade, com tudo sendo abundante para eles naquela terra divinamente escolhida de produtividade sem igual. Era, de fato, o centro da Terra, escolhido por Deus porque poderia, de uma forma temporal, mostrar algo de como as coisas poderiam ser se Deus fosse tudo. Nos melhores dias da história de Israel – a época de Salomão –, a terra estava transbordando de riqueza. Leia os capítulos que falam sobre o ouro, a prata, as pedras preciosas e todas as riquezas que havia naquele reino. É uma história maravilhosa. Por quê? Simplesmente porque Deus está procurando mostrar, em termos temporais e imperfeitos, mas de tal forma que seja melhor do que qualquer outra coisa conhecida na história deste mundo, o que será todo o domínio d’Ele quando Seu reino for estabelecido; e assim Ele escolheu uma nação, a fim de que nessa nação – tanto quanto possível em condições como as que existem espiritualmente neste universo – houvesse algum reflexo e indicação do que é o Reino de Deus, onde Deus é tudo em todos.

Mas aquela nação fracassou; ela também traiu a Deus – e nas mãos do mesmo inimigo; pois o clamor dos profetas em todo o tempo era contra a idolatria de Israel, e a idolatria é, em princípio e em segundo plano, o controle pelos poderes malignos deste universo. Deus foi traído novamente, mas não foi derrotado, não desistiu. Ele estava Se movendo em relação à Sua intenção original.

O Reino assegurado espiritualmente no último Adão

Prosseguimos em Seus movimentos até o maior evento de todos – o advento de Seu Filho. “O último Adão veio para o resgate”; com Ele e n’Ele o Reino. E Ele não estava tratando agora com coisas temporais, com condições terrenas. Em

primeiro lugar, Ele estava indo à raiz da questão, às causas primárias, e não às secundárias, como vimos em nossa meditação anterior; voltando bem atrás de tudo, em Sua Cruz, tratando dos principados e potestades e de todo o sistema mundial de governo maligno. Ainda temos de ver mais sobre isso.

Mas, a partir desse ponto, encontramos o novo movimento em relação ao Reino. Ele não é meramente temporal e terreno, ou seja, não é apenas uma questão de tempo e de coisas aqui. É o âmbito supremo do Reino. O novo movimento desde então é espiritual em relação ao Reino. O Reino de Deus chegou. Aonde ele chegou? Veio em Cristo. E onde está Cristo? Ele veio em um Corpo, um Corpo espiritual, a Igreja, que é Seu Corpo. Essa é a nova nação eleita, e ainda a eternamente eleita, para esse propósito; não uma coisa terrena, não uma coisa temporal, não uma coisa de assuntos temporais, como ouro, prata e pedras preciosas. Deixe que os sistemas religiosos, sejam eles chamados por títulos cristãos ou não, estejam interessados no que é ornamentado e luxuoso nesta Terra, para causar impressão; isso não é o Reino de Deus. “O reino de Deus não é comida nem bebida” (Rm 14.17). Esse reino é espiritual e hoje está incorporado no Cristo corporativo, sendo Ele mesmo o Cabeça de Seu Corpo, a Igreja, o Corpo eternamente eleito. Esse não é um pensamento posterior de Deus, algo que surgiu porque tudo o mais falhou. Deus não é um Deus de dispensações, um Deus do antes e do agora, mas Ele está no eterno Hoje. Para Ele, daqui a um milhão de anos é como se fosse ontem. Ele, desde o princípio, anteviu, previu, predeterminou, predestinou. Essas são as grandes palavras com as quais nos deparamos quando chegamos a esse recipiente específico de Seu propósito eterno. Assim, na plenitude dos tempos, Cristo vem pessoalmente e constitui para Si mesmo um Corpo, e nesse Corpo está constituído o Reino de Deus desde a eternidade.

Deus tudo em todos

Como? Em que base? Essa é a primeira esfera de domínio de Deus, onde Ele é tudo em todos, onde o diabo não tem lugar, nem o homem como tal. Esse é o grande significado da Cruz que estamos tentando alcançar, onde nenhum sistema dos homens é o que governa, onde Deus é tudo em todos. Lembre-se de que esse é o fim para o qual tudo está se movendo. Está se movendo através de Cristo e por Cristo, em primeiro lugar, e depois por meio de Cristo, por meio de Sua Igreja, de volta a Deus por completo. “Ele entregará o reino a Deus, o Pai, [...] para que Deus seja tudo em todos” (1 Co 15.24-28).

Esse é o cenário em que nos encontramos. Para começar, Deus é tudo em todos. Ele é? Bem, esse é todo o campo de batalha de nossa vida interior. Foi a esse ponto que chegamos em nossa meditação anterior. Retomaremos esse ponto mais tarde, se Ele quiser. Mas, antes de tudo, é a questão de Deus ser tudo em todos, o Senhor ser o Senhor, e não haver nenhum outro senhorio – o senhorio de nossa vontade, nossos gostos, nossas aversões, nossas preferências, nossos preconceitos, nossas seletividades e tudo o que nos pertence – que se levanta e disputa o lugar, o caminho e a vontade de Deus. Nenhuma outra característica deve ter o senhorio, mas Ele deve ser o Senhor de tudo. Não espero literalmente ver Jesus Cristo montado em um cavalo branco com um nome escrito em Sua vestimenta: “Rei dos Reis e Senhor dos Senhores”. Acredito que isso seja um símbolo da grande verdade espiritual de que Ele cavalgará em majestade como Senhor dos Senhores; Ele pisoteará todos os outros senhores e os submeterá a Si mesmo e – metaforicamente, mas não menos verdadeiramente – cavalgará triunfante como Rei. Esse é o fim, e a supremacia absoluta que alcançou Ele entregará ao Pai, para a satisfação final do Pai, de acordo com o propósito que Ele estabeleceu antes da

fundação do mundo. Toda a questão do Reino de Deus é resolvida, em primeira instância, em uma questão interior no caso de cada crente, se Ele é o Senhor.

Eu disse há pouco que esse é o campo de batalha em que nos encontramos continuamente; mas, bendito seja Deus, nem tudo é derrota! Há a poderosa energia do Espírito de Deus que nos permite clamar – “ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei” (Mq 7.8). Essa não é a afirmação de autoconfiança e autossuficiência, mas da fé que sabe que há um poder que opera em nós. A poderosa energia do Espírito de Deus está operando os poderes do Reino em nós, os poderes de uma era vindoura.

O Reino de Deus dentro e no meio de nós

E esses poderes são primeiramente espirituais, para que isso aconteça. Você e eu, nesse terrível conflito entre os dois reinos, que se concentra em nossa própria alma – você e eu, frágeis, defeituosos, mil vezes falhando, escorregando, tropeçando e cometendo erros –, estamos, no entanto, sendo conduzidos por um poder e uma energia que não são nossos, que nos levarão finalmente ao lugar de ascendência absoluta sobre os poderes que estão contra nós. Deus está trabalhando isso em nós; é o Seu Reino. O Reino de Deus, o Reino dos Céus, está dentro de você. É uma questão interior; é aí que começa. E está no meio de vocês – o que expressa o cenário corporativo do Reino; no meio da Igreja, um povo assegurado e constituído por Deus e no qual, antes de tudo, Seu senhorio absoluto será estabelecido.

Devo acrescentar uma palavra sobre o outro aspecto – que a Igreja é um povo no qual a bênção de Deus é conhecida. Bem, há um sentido em que isso é verdade, mas ainda não é verdade o suficiente para nós. A pressão e a intensidade dessa grande guerra espiritual se abatem sobre nós e cobram seu

preço. Essa determinação persistente do inimigo em nos desgastar deixa sua marca, e nós não somos muito caracterizados pela bênção do Reino de Deus. Mas, às vezes, o sucesso vem. Cantamos juntos alguns desses cânticos de Sião, falamos do grande dia do breve aparecimento de Cristo, lembramo-nos de todas as maravilhas de Sua Cruz – “Oh, as doces maravilhas dessa Cruz” – e quando nos debruçamos sobre essas coisas, a glória de Seu Reino aflora; ela se manifesta de tempos em tempos. Talvez essa seja uma das grandes bênçãos da comunhão cristã. Nós nos reunimos em assembleias e no Espírito, e a verdadeira natureza do Reino vem à tona e se manifesta. Ele está ali e, mais ou menos, está permanentemente ali, conscientemente ali, o tempo todo; mas também estamos conscientes de que estamos enfrentando coisas, que estamos em uma luta difícil. No entanto, nesse Reino, temos de conhecer cada vez mais a bênção de Deus, a bem-aventurança de Deus. Devemos nos repreender pelo que contradiz isso e nos lembrar de que, afinal de contas, somos um povo muito bem-aventurado. “Bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor” (Sl 144.15).

A Igreja para ministrar e manifestar o Reino

Mas a questão não termina aí. Israel era uma nação escolhida, não para ser um fim em si mesma, mas para mostrar a todas as nações o que é o Reino de Deus e para ministrar esse Reino no meio das nações. Houve momentos em que outras nações receberam os benefícios de Israel. Quando não estavam contra Israel, quando eram receptivas ou favoráveis, recebiam grandes bênçãos por causa de Israel, e assim tem sido desde então. Não tenho dúvida alguma de que não temos recebido muitas bênçãos neste país por causa da atitude que tivemos nos últimos anos em relação a essa nação – mesmo quando ela foi rejeitada. “E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei

os que te amaldiçoarem” (Gn 12.3); e isso permanece válido. Mas de uma forma muito direta, quando Israel estava de acordo com a mente de Deus, alinhado com Ele, as pessoas foram abençoadas por causa deles. E a Igreja não é um fim em si mesma. Encontramos em Apocalipse o fim – a cidade está em seu lugar de administração, e são as nações que estão obtendo o benefício. A luz das nações, as folhas para a saúde das nações, a água para a vida das nações saem dessa cidade. A Igreja, portanto, deve ser constituída de modo a ser o instrumento de Deus para a administração e manifestação de Seu Reino.

A questão prática – Ascendência sobre o reino das trevas

Mas enquanto nos fixamos nisso como o ponto central, e todas as questões práticas, desafios e problemas relacionados a isso, os quais precisam ser trazidos ao nosso coração, toda a questão se resolve, por enquanto, em registrar tudo o que significa o Reino de Deus, a poderosa soberania de Deus em Jesus Cristo, não tanto sobre os reis e governantes desta Terra, mas sobre os principados, potestades e governantes mundiais das trevas, as hostes espirituais da maldade nas regiões celestiais. É para lá que somos levados, e se eu tivesse de reunir em uma única declaração o que acredito ser a intenção divina em nossas meditações atuais, seria esta: procurar nos levar, como parte desse povo, para o lugar onde nós nos consideramos infinitamente mais no reino espiritual do que consideramos agora, onde temos de ser considerados pelos poderes do mal deste sistema mundial. É ali que o valor para Deus é decidido nesta dispensação.

Agora você pode rejeitar tudo o que estamos dizendo e ainda assim ser salvo. Para ser salvo, tudo o que você precisa é crer no Senhor Jesus (At 16.31). Com isso, você pode ir para o

Céu, pode ser libertado da condenação e do inferno, sem ter nada disso de que estamos falando. Bem, se isso é tudo o que você quer, você pode ter. Mas eu lhe pergunto: você está tão preocupado em ser útil a Deus quanto em ser salvo? Essa é outra questão. A questão de seu valor para Deus é decidida aqui – qual é a sua opinião sobre Ele no reino das forças espirituais deste universo que se opõem a Ele? O que o diabo acha de você? Até que ponto você é uma ameaça ao reino dele? Não se trata de quantos cultos e reuniões você está participando, quantas pregações está ministrando, quanta correria está fazendo; nem todos esses *et ceteras* na atividade cristã, mas quanto impacto você registra nesse reino sombrio e maligno? É justamente aí que seu valor para Deus é decidido. Bem, se o diabo lhe der um tempo muito ruim, fizer com que você saiba que é um homem ou uma mulher marcados, console-se; isso mostra que você tem algum valor para Deus. Mas nem sempre nos lembramos disso. Passamos por momentos terrivelmente ruins sob as mãos do diabo e ficamos sob elas, pensamos em como ele é terrível e perverso, ocupamo-nos com isso e esquecemos – talvez seja um tipo de humildade – que devemos significar alguma coisa, afinal de contas. É aí que as coisas contam para Deus nesta dispensação. Não é o número de estruturas que você pode construir nem o tamanho da organização que você pode criar nesta Terra, não é nada no reino temporal. É, em tudo, por meio de tudo, por todos, o quanto é considerado contrário ao reino que se opõe ao Reino de Deus. Esse é o desafio que devemos enfrentar seriamente.

O Reino presente em princípio agora

O Reino de Deus é algo muito mais vital do que imaginamos. Que pena que os homens sistematizaram tanto essa coisa a ponto de roubar-lhe seu real valor espiritual! Alguns nos

dizem, por exemplo, que o Reino é para uma era vindoura, que esta não é a era do Reino. Isso não é verdade. O reino de Deus é uma questão atual, a questão suprema de toda a criação; e é com relação a isso que todas as forças das trevas, sob qualquer nome que possam estar trabalhando nesta Terra, estão convergindo sob um governo e senhorio espiritual maligno – para tornar impossível que o Reino de Deus seja estabelecido e estendido nesta criação. Bem, os cristãos sabem disso. A grande questão nas revistas missionárias atualmente é se podemos continuar com nosso trabalho em muitos lugares, se devemos nos retirar, se há alguma perspectiva de expansão no futuro. As portas estão se fechando.

Mas e quanto ao Reino de Deus? Ele é o Senhor? Ele será empurrado para fora de Seu universo? Bem, o quadro que a Palavra de Deus apresenta no fim não é esse, mas exatamente o oposto. Essa é a batalha em que estamos envolvidos. Afinal de contas, é uma batalha espiritual. Que o Senhor traga ao nosso coração a seriedade do desafio e nos ajude a ver que agora é uma questão pessoal; o Reino de Deus é uma questão pessoal.

CAPÍTULO 5

O poder e o desafio do Reino de Deus

E em verdade vos digo [digo-vos com toda a certeza, enfaticamente, positivamente] que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus.” (Lc 9.27)

“Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, até ao dia em que foi recebido em cima, depois de ter dado mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera; aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias, e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.” (At 1.1-3)

“[...] alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus.” “[...] por espaço de quarenta dias, e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.” O tema com o qual os apóstolos estavam sendo ocupados pelo Senhor durante os quarenta dias após Sua ressurreição – o tema do Senhor ressuscitado – era o Reino de Deus.

A batalha de dois reinos na vida terrena de nosso Senhor

Olhando para os anos de Sua vida, desde o Jordão até a Cruz, podemos ver que, em Seu caso pessoal, durante esse período, a batalha de dois reinos estava acontecendo. Ao longo de várias linhas e por meio de vários instrumentos, influências estavam sendo exercidas sobre Ele. Ele estava Se movendo

dentro de um círculo de forças e atividades cujo objetivo e direção era fazer com que Ele tivesse um reino. Logo no início, o conflito com o adversário no deserto, durante os quarenta dias e noites, levou diretamente a essa questão. “Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4.8-9). Seus próprios discípulos estavam constantemente pressionando-O com a mentalidade e expectativa messiânicas deles, dificultando-Lhe as coisas dessa maneira – Ele sabia que eles ainda eram tão crianças espiritualmente que seria um desastre desiludi-los muito rapidamente e desapontar suas expectativas e esperanças. Essas expectativas, esperanças e visões, e tudo o que elas incluíam para esses homens, eram para o Senhor como arame farpado o tempo todo. Ele dificilmente poderia dizer qualquer coisa de caráter decepcionante, mas imediatamente os discípulos se sentiram ofendidos, questionaram, foram jogados para todos os lados e até se revoltaram. A turba, a multidão histérica, em uma ocasião veio e O levou à força e O fez rei.

Há algo em ação, coagindo. Ele estava lutando contra esse algo o tempo todo, colocando-o de volta, rejeitando, repudiando; e não foi fácil. No fim, quando estava diante de Pilatos, quando a acusação contra Ele era de que havia dito que era um rei, Pilatos disse: “Tu és o Rei dos judeus?”, e Jesus respondeu: “O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, peleariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (Jo 18.36). Era o repúdio de um reino, o que significava que, interiormente, Ele estava defendendo outro. Não foi o repúdio do Reino. Ele estava lutando o tempo todo contra um falso a favor de um verdadeiro, contra um temporal a favor de um espiritual; mas os poderes que existiam estavam tentando precipitar essa outra questão, para envolvê-lo em um reino que não era o Seu

Reino verdadeiro.

Você pode ver facilmente como isso teria sido envolvente. Suponhamos que Ele tivesse capitulado, aceitado um reino fora desse sistema, colocado a Si mesmo nesse nível; bem, uma pequena reflexão imediatamente revela a natureza sinistra da pressão, da oferta. Não, Ele não estava aceitando a estrutura que incorporava o reino de Satanás – isso é o que aquilo significava. Dentro do reino desse sistema, Satanás, o príncipe deste mundo, foi estabelecido, e o Senhor não estava aceitando isso de forma alguma. Em meio a todas essas tentações, mesmo que elas viessem pelos lábios e pelo zelo equivocado de um discípulo amado e dedicado do círculo íntimo – nada menos que o próprio Simão Pedro –, Ele foi inflexível. Naquela mesma questão de Ele subir a Jerusalém e ser entregue nas mãos dos homens para ser crucificado, quando o conselho humano é “Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso”, a réplica imediata é: “Para trás de mim, Satanás” (Mt 16.21-23). Ele vê Satanás entrincheirado na própria sugestão, e esse não é o reino que o Senhor aceitará. Haveria um reino que Ele aceitaria, mas não desse tipo.

O Reino recapturado para Deus por meio da Cruz

Então, na Cruz, ao longo da linha de repúdio a um reino desse tipo; e ali, na Cruz, Ele operou por trás da estrutura, por trás de toda a aparência e sistema, e lidou com o príncipe deste mundo e o expulsou. Como Ele o expulsou é o que temos procurado ver nestas meditações; Ele o expulsou *moralmente*. “[...] se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em mim” (Jo 14.30), portanto ele foi moralmente expulso. E, expulsando o príncipe deste mundo na Cruz, Ele conquistou – digamos, recapturou – o Reino que havia sido entregue por Adão nas mãos daquele usurpador; recapturou-o como o último

Adão, o segundo homem, o Senhor do Céu; e, tendo-o reconquistado em Sua Cruz e por meio dela (um assunto sobre o qual ainda temos de falar mais), Ele ressuscitou, e Seu tema foi o Reino de Deus – o cumprimento de Sua declaração enfática: “[...] alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus”. Eles o viram no dia de Pentecostes, o Reino reconquistado nas mãos desse Cristo vitorioso, que sabia como recusar resultados rápidos – algo sobre o qual sabemos muito pouco moralmente; e porque Ele foi capaz de deixá-los ir, Ele garantiu tudo.

Essa é uma lei de tremendo valor na vida espiritual – ser especialista em deixar ir. Vimos que o outro é especialista em se agarrar – “eu subirei, eu exaltarei, eu me assentarei”. E ainda teremos mais a dizer sobre isso. Mas agora, nas mãos desse Único, o Reino reconquistado é trazido no dia de Pentecostes no poder do Espírito Santo.

O Espírito, a vida e o poder do Reino

Mas observe que a questão para nós é que se trata de um reino reformado, ou seja, sua constituição é totalmente diferente daquela que estava na mente dos apóstolos e que foi oferecida a Ele por Satanás. É outro tipo de reino, essencialmente espiritual. Ele vem por meio do Espírito Santo. O Espírito está no comando do Reino. Ele precipita isso e mantém as rédeas em Suas mãos na projeção e no desenvolvimento, na expansão e no estabelecimento desse Reino. Tudo é espiritual, e, portanto, descobrimos que o Reino é, do início ao fim, essencialmente algo interior.

As palavras do Senhor sobre o Reino dos Céus estarem dentro de você foram comprovadas de forma muito, muito verdadeira no dia de Pentecostes e depois – era o Espírito

interiormente que era a natureza, o poder, a vida, a energia e tudo desse Reino.

O desafio espontâneo do Reino de Deus por meio da Igreja

Se esse é o curso e a natureza das coisas, qual é realmente a essência de tudo isso? Bem, o cerne da questão é o seguinte: quando, a partir do dia de Pentecostes, homens e mulheres saíram por este mundo com o conhecimento do que significava o fato de que o Reino de Deus havia chegado como uma verdade real e que era um fato interior, o que os caracterizava era que havia, pela própria presença deles aqui neste mundo, um impacto impressionante e avassalador do Reino de Deus sobre aquele outro reino que estava por trás da estrutura deste sistema mundano. Isso simplesmente aconteceu. A própria presença deles perturbava, desafiava, provocava aquele outro reino, e o fato de esses dois reinos estarem em oposição tão mortal tornou-se uma realidade manifesta simplesmente porque aqueles crentes estavam ali; e, observe – isso é algo a ser observado –, a nota predominante na pregação deles não era a salvação dos homens do pecado (que era o resultado de outra coisa), mas era o senhorio absoluto de Jesus Cristo. Em todos os lugares eles davam testemunho da ressurreição de Jesus e O proclamavam como Senhor. Quando se tratava de lidar com o exercício do coração sob convicção e com a pergunta: “O que devemos fazer para sermos salvos?”, a interpretação ou a aplicação era que esse Senhor também é Salvador. Você pode ser salvo por Ele porque Ele é o Senhor. Você pode ser perdoado porque Ele é o Senhor. Deixe-me dizer novamente: não é apenas porque Ele é oficialmente Senhor, mas porque Ele está moralmente em posição de perdoar. Deixe isso de lado por um minuto.

O que quero enfatizar e manter é o seguinte: é preciso

recuperar o desafio espontâneo do Reino de Deus na Igreja. Podemos estar pregando o evangelho da salvação – que ninguém pense, nem por um momento, que se pretende desacreditar ou enfraquecer isso –, mas isso deve vir do senhorio estabelecido de Jesus Cristo no pregador e no Corpo que representa Cristo. Deve ser isso – que Jesus é o Senhor – não como um item de um credo ou de uma doutrina, mas como algo que se tornou um poder interior. O senhorio de Jesus Cristo como um poder interior, tanto na vida quanto na Igreja, tem de ser registrado de forma espiritual, e não primeiramente nos homens. Não sei se você é capaz de acompanhar mais do que estou dizendo, mas por que a grande quantidade de pregação do Evangelho aos não salvos não surte efeito? Isso não o preocupa ou é uma questão que nunca deveria ser levantada? É verdade, não é? O Evangelho é pregado, e pregado, e pregado com pouco efeito. O Evangelho é mais fraco do que era naqueles dias? O Espírito Santo foi retirado da Terra? Qual é a explicação? Será que o Senhor é diferente, Seu evangelho é diferente ou Sua Igreja é diferente? Ah, acho que deve ser o último. Não podem ser os outros. Qual é a diferença?

A Igreja está adotando algo e distribuindo, em grande parte, como ensino objetivo; é claro, sabendo algo sobre a bênção de ser salvo, sobre o bem e a alegria do que o Senhor Jesus é em termos de salvação. Isso tudo é muito bom, chega até certo ponto, mas, de uma forma ou de outra, há uma tremenda margem de ineficácia; e a razão pode ser – digo dessa forma – que, em primeiro lugar, a pregação é para os homens, o registro é sobre os homens, e não há nada que venha por trás espontaneamente. O Reino de Deus não é algo elaborado, devidamente organizado em discursos e sermões, não é um tema, um assunto, mas é a força poderosa do Espírito Santo vindo por trás. Você está lá como testemunha do Senhor, e há algo mais do que o poder do inimigo presente; o poder de Deus também está ali.

O Reino de Deus chegou. O Reino de Deus é algo avassalador. Esse é o significado. É nessa esfera que reside a fraqueza de muitas pregações. Agora, continuaremos com nossa pregação sobre a salvação, continuaremos com nossa abordagem aos homens e às mulheres sobre essa questão da salvação; precisamos, mais do que nunca. Mas lembre-se, se formos sem o Reino de Deus – não como um assunto, mas como um poder que vem por meio de nós, por assim dizer, como se viesse por trás, vindo direto e se registrando, não sobre os homens e as mulheres em primeiro lugar, mas sobre as forças por trás das quais o mundo inteiro se encontra – seremos amplamente ineficazes. É bem verdade que ninguém pode crer, ninguém é livre para se voltar para o Senhor – por mais que deseje fazê-lo – a menos que o Senhor faça algo para libertá-lo. Esse homem forte tem de ter sua casa invadida por alguém mais forte do que ele; e quem é mais forte do que ele? Esse reino tem de ser invadido por outro reino maior do que ele. E assim, embora o Senhor tenha dado aos discípulos a esfera de suas atividades e a comissão para sair por ela, Ele disse: “[...] fícai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24.49). “Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (At 1.5). “Até lá, não tentem cumprir a missão, ou fracassarão, e o outro reino prevalecerá sobre vocês.”

Você vê a que somos designados. Tudo se concentra nisso, tudo se resume a isso. Qual é o nosso verdadeiro negócio aqui? É para propor doutrinas, expor verdades, distribuir volumes de interpretações das Escrituras? Não! Seja qual for o lugar que isso possa ter para a edificação, para a instrução, tudo isso será inútil no que diz respeito à eficácia espiritual real, a menos que o Reino de Deus esteja chegando – isto é, a menos que haja o registro real do fato de que Jesus ressuscitou dos mortos e é Senhor. Não adianta dizer isso, a menos que você o

diga com o poder do Espírito Santo. “[...] ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão no Espírito Santo” (1 Co 12.3). Isso não significa que você não possa usar a frase “Jesus é o Senhor”, mas há algo mais em dizer do que usar palavras. Quando Deus disse: “Faça-se a luz”, houve luz – e esse é o tipo de afirmação em que estamos pensando – uma afirmação que é um decreto, um impacto. Um homem pode dizer: “Jesus é o Senhor” e, embora isso seja verdade, a doutrina está correta e sólida, mas nada acontece. Outro homem, no poder do Espírito Santo, declara o senhorio de Jesus Cristo, e você sente algo, tem consciência de que algo vem de Deus.

Mas esse não é um privilégio apenas dos apóstolos no sentido eclesiástico ou oficial. Isso é para a Igreja, e você e eu somos a Igreja em representação. Que nossa oração seja o impacto do Reino sobre esse outro reino! É por isso que meu coração clama, pois a oração não deve ser uma lista de petições, um monte de coisas pedidas, mas deve haver algo feito por trás das coisas. Em todo o nosso ensino, embora possa não ser visto instantaneamente, deve haver uma operação constante em andamento que esteja produzindo vidas no poder desse reino – pessoas se tornando fatores a serem considerados pelo inimigo. A única justificativa de todo o nosso ensino é que aqueles que o recebem se tornem, por sua vez, fatores marcados pelo inimigo; dos quais, como dissemos antes, os demônios podem dizer: “Conheço a Jesus, e bem sei quem é [esse e aquele]”. Devemos ser conhecidos pelo inimigo pelo nome, como pessoas as quais são reconhecidas, que devem ser levadas em consideração, e não incluídas na categoria daqueles que não são reconhecidos – “mas vós, quem sois?” (At 19.15).

O assunto que ocupa o Senhor ressuscitado é o Reino de Deus. É a coisa com a qual Ele gostaria de ocupar Seus servos. O Reino de Deus – não uma estrutura de um sistema

temporal, mas o Reino de Deus – não está em palavras, mas em poder; não em comer e beber, mas em justiça no Espírito Santo (Rm 14.17). Esse é o Reino de Deus; e você e eu estamos na posição muito feliz de estarmos incluídos nessa declaração anterior do Senhor – “Há alguns dos que aqui estão que de modo algum provarão a morte até que vejam o reino de Deus”. Esse é o nosso privilégio – ver o Reino de Deus, e que o Reino de Deus venha por meio de nós com um senso de poder divino. Essa é a essência das coisas. Eu já disse que tudo o mais sobre o qual estamos falando nestas meditações está relacionado a isso.

A importância e o poder do deixar ir para Deus

Você diz: “Bem, eu acredito que isso é verdade, e todo o meu coração responde, e eu oro a Deus para que seja assim no que me diz respeito. Eu quero que seja assim, mas nada acontece. Como pode ser?”. É exatamente a isso que estamos chegando; e já dei uma dica de como isso pode acontecer. É algo intensamente prático. Quando eu disse que o Senhor Jesus era o maior especialista em deixar ir, toquei no cerne da questão. Já dissemos várias vezes que tudo está centrado e focado na vontade humana. Deixe-me perguntar aqui (embora eu tenha de me referir a isso novamente mais tarde, de forma mais completa): você não descobriu muitas vezes que seu verdadeiro poder – o poder que o libertou, o poder que o levantou e o colocou no alto – veio quando você se soltou? Você estava se apegando – e não estou dizendo que estava se apegando a algo necessariamente errado; você estava simplesmente se apegando. Pode ter sido algo dado a você por Deus, mas sua própria possessividade natural se apoderou dele, e você estava segurando algo de Deus para si mesmo e dizendo “tire as mãos” para os outros.

Não há dúvida de que Isaque foi dado por Deus a Abraão; ele foi um milagre perfeito, impossível a menos que

Deus o tivesse dado. E então lemos: “Deus provou Abraão”. Ele disse: “Toma agora o teu filho, o teu único filho, a quem amas – e Ele poderia ter dito: a quem eu te dei – [...] e oferece-o [...] em holocausto” (Gn 22.2ss.). Abraão não disse: “Tu o deste a mim, não te contradigas e o leves embora novamente; Tu fizeste com que todas as Tuas promessas dependessem dele; eu não vou desistir dele!”. Ele o entregou e o recebeu de volta; recebeu-o de volta com um reino inteiro pelo qual se tornou “herdeiro do mundo” – essa é a declaração (Rm 4.13). Ele tem o reino pelo fato de ter se desprendido – o prenúncio desse Filho de Deus que se desprendeu.

Eles queriam levá-lo à força e torná-lo rei; Ele renunciou a isso. Ele conquistou Seu lugar de rei com acréscimo, mas em um reino onde Satanás não poderia tocá-lo; estava além do poder da morte. Se Ele tivesse aceitado o que Lhe foi oferecido, estaria sujeito à morte. Na ressurreição, Ele a domina, e a morte não tem poder sobre ela. Mas Ele a obteve dessa forma – entregando-se a Deus. Veja, isso é intensamente prático. Como isso é possível? Tirando o ego de cena! É por isso que não é possível – porque o ego está em cena! A vontade própria, o interesse próprio, a realização própria. Esse é o reino de Satanás, e Deus não vai lhe dar o reino d’Ele com base nisso. Essa foi a ruína e a perda do Reino de Deus para o homem. Você não pode restaurá-lo; o semelhante não pode superar o semelhante. É necessário algo diferente, outro; e seja qual for o significado desse eu, ele precisa sair do caminho para que o Reino de Deus possa entrar.

Isso é prático. Tenho de ter certeza de que não estou envolvido nisso, que alguma ambição secreta minha, algum motivo meu, não está agindo. Como nosso coração é sutil! Talvez você e eu estejamos prontos para sermos totalmente dedicados ao Senhor. Temos boas intenções, e temos uma intenção

completa. Cantaríamos realmente com o coração e com a voz no máximo: “Nada de mim, e tudo de Ti”, e estaríamos falando sério, e não haveria incerteza no que nos diz respeito. E, no entanto, Deus sabe que somos o tempo todo derrotados em nossa sinceridade por motivos secretos, e nada além de uma posição de teste pode provar se realmente estamos falando sério. Portanto, Ele nos leva a um teste – a uma perspectiva e, depois, a uma decepção. Como reagimos? Nossa tristeza, nossa dor, é pelo Senhor ou por nós mesmos? Estamos decepcionados ou, na verdade, estamos preocupados apenas com o Senhor e não estamos envolvidos nisso? Você entende o que quero dizer – uma situação de teste para descobrir, afinal, se é “nada de mim mesmo e tudo de Ti”. Nunca poderemos descobrir isso, exceto de maneira prática, ao longo da linha de testes muito práticos. O Senhor sabe muito bem disso, mas não é suficiente que Ele saiba. Veja, para que possamos entrar, temos de entrar de forma inteligente e cooperativa. Esse é o objetivo de todo teste. O Senhor poderia fazer uma coisa com um golpe, poderia acontecer mecanicamente. Mas estamos em um mundo moral, e Deus age em relação ao homem com base na moral. O homem tem uma vontade que o torna uma pessoa moralmente responsável e, portanto, deve exercer sua vontade em cooperação com Deus.

Você se lembra das palavras em Deuteronômio 8.2 – “E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, e te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos, ou não”. Nossa versão não transmite o significado completo. As palavras citadas podem levantar a questão de se o Senhor sabe o que está em nosso coração sem nos provar. Não podemos ter dúvidas quanto a isso. Não, o verdadeiro significado é este: “[...] para que ele te fizesse saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos

ou não”. Era necessário que Israel chegasse a um ponto em que conhecesse seu próprio coração e repudiasse o que era contrário à vontade revelada de Deus; e essa foi a batalha dos quarenta anos. O Senhor havia mostrado que Seu propósito para eles era a terra prometida. Eles estavam descobrindo que, em seu coração, o Egito ainda tinha um lugar em oposição à terra; e o Senhor os conclamava a reconhecer o que havia em seu coração e a repudiar o Egito – repudiá-lo tanto no deserto quanto o haviam repudiado quando fugiram dele. É uma coisa interior. Até que seu coração estivesse totalmente voltado para a terra e pela terra, o Senhor não poderia levá-los a ela. Foi assim com Josué e Calebe – eles seguiram *totalmente* o Senhor. Por que eles entraram quando todos os outros de sua geração fracassaram? Porque eles haviam matado o Egito de forma completa e definitiva, não objetiva, mas subjetiva, e abraçaram a terra conforme a vontade de Deus. Os outros estavam sendo testados, dia após dia, ano após ano, naquela área – “Vocês realmente querem seguir o Senhor? Vocês dizem que sim, mas será que querem? Vamos experimentar!” O Senhor estava fazendo isso para que eles soubessem o que estava no coração deles.

Eu digo que esse reino de Deus interior é muito prático, explicando os procedimentos do Senhor conosco. Quando reconhecemos as leis e os princípios desse reino, deve vir o teste, quando entregamos nosso Isaque, não porque sabemos que vamos recuperá-lo, mas sabendo que talvez o Senhor realmente o exija de nós e que ele não nos será devolvido. Essa é a batalha e a vitória.

Nenhum de nós chegou totalmente lá ainda, e é por isso que o Reino ainda não chegou totalmente no que nos diz respeito; mas visto que triunfamos nessa questão, o Reino está chegando – o poder e a salvação estão chegando; e, creio eu, o descanso para a libertação de nosso próprio coração também. O Senhor nos mostra o significado dessa palavra.

CAPÍTULO 6

O significado da morte de Cristo

“E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.” (Fp 2.8)

Até agora, estivemos ocupados com o lado e o aspecto da Cruz do Senhor Jesus que tem a ver com o pecado e vimos que o pecado é a base, a natureza e o poder do reino das trevas, o reino de Satanás.

Vamos agora a mais uma palavra inclusiva sobre a questão da natureza do pecado antes de dizermos uma palavra sobre seu resultado, e então somos levados imediatamente à Cruz do Senhor Jesus.

A essência do pecado – Independência de Deus

Qual é o significado de toda essa questão do pecado? Podemos resumi-la em uma palavra? Acho que sim, e essa palavra é independência – independência de Deus. Sim, o reino de Satanás é realmente construído sobre a independência. Ele mesmo decidiu tomar um rumo de independência. Antes de se tornar Satanás, ele era Lúcifer, o querubim, ungido para cobrir (Ez 28.14). As Escrituras dizem “foste criado” (Ez 28.13), e um ser criado deve ser inferior ao Criador e dependente d’Ele; mas esse ser decidiu ser independente d’Ele e continuar a ter tudo centrado em si mesmo, e não em Deus, ser seu próprio senhor, ser o próprio deus e não se referir a ninguém e não se submeter a ninguém – independência absoluta; e foi isso que ele introduziu na raça por meio de Adão. “É assim que Deus disse [...]?

Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gn 3.1, 5). A inferência de suas palavras foi a seguinte: “Por que não abrir os olhos? Por que sempre ter de submeter-se a Deus? Por que não ser como Deus?”. A essa sugestão o homem caiu. Ele usou a maior dádiva que Deus já concedeu aos seres criados – o poder de escolha, a vontade –, usou sua grande confiança, o livre-arbítrio, e escolheu a independência.

Há muitas maneiras pelas quais essa independência se concretiza. Ela se desenvolve ao longo da linha da autossuficiência, e vemos que a História até hoje é apenas a história da independência, da autossuficiência, de uma forma ou de outra. Em épocas diferentes ou em seções diferentes da raça, essa independência se expressa de forma variada. Às vezes, e em alguns lugares, ela assume a forma de uma ausência de Deus definitiva e positiva, em que Deus é deliberada, aberta e descaradamente descartado, repudiado e negado. Esse tipo de coisa abrange uma grande parte da Terra hoje e está atuando poderosamente – uma total, positiva e deliberada ausência de Deus, não Lhe dando lugar. Às vezes, e em outros lugares, essa independência foi e é expressa em um sistema de ideias de grandeza humana. A palavra “ideologia” entrou muito em nosso vocabulário. Trata-se simplesmente de um sistema ou esquema de ideias sobre a grandeza humana – quão grande é o homem e quão inerentemente bom ele é; basta dar a ele espaço, facilidade e condições adequadas para que se veja como ele é uma criatura maravilhosa, tanto no que diz respeito à sua capacidade, suas potencialidades e sua bondade inerente. É apenas outra forma de independência de Deus, de cegueira do homem; pois a cegueira do homem é vista principalmente em sua incapacidade de reconhecer sua própria necessidade.

Ou ainda, a mesma coisa se manifesta em sistemas

religiosos, sistemas de obras, salvação pelas obras. Isso pode ser positivo ou negativo, mas é a mesma coisa. A forma positiva é vista no judaísmo, no romanismo e em outros sistemas – a religião da salvação pelas obras. Paulo resumiu isso muito bem, falando tão tristemente sobre seus irmãos segundo a carne: “Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10.3). Esse é o ponto. Eles não fizeram aquilo que é exatamente o oposto da independência: a submissão à justiça de Deus. Todo esse sistema, seja qual for sua origem, é simplesmente o sistema de “que bom menino eu sou! Eu faço isso e aquilo, não faço isso e aquilo; veja como sou bom!”, buscando estabelecer sua própria justiça.

Mas essa coisa satânica está por trás de tudo, e o Senhor Jesus a revelou. Ele disse a essas mesmas pessoas que estavam ampliando seus filactérios, fazendo longas orações nos mercados, desfilando como pavões com as caudas abertas religiosamente: “Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai” (Jo 8.44). Isso é bastante contundente para a religião, não é mesmo?

Ou pode ser negativo. Pode ser o pobre asceta, encolhido e mendigando, com seu rosto miserável e sua pobre forma emaciada, e ele está apenas dizendo de outra forma: “Que bom rapaz eu sou! Sou muito religioso, não faço as coisas que todos vocês fazem. Sou um homem de oração, de abstinência”. É a mesma coisa. Ele espera chegar ao céu dessa forma – independente de Deus.

Ou ainda, pode vir na forma mais sutil de todas: soberba espiritual entre os verdadeiros filhos de Deus. Não há soberba pior do que a soberba espiritual. Acho que não há nada mais abominável para o Senhor, porque ela existe exatamente onde deveria existir um conhecimento muito melhor; ela existe

bem no reino da graça. Se você acha que é muito forte dizer isso, lembre-se de que somos pobres pigmeus comparados a um homem como o apóstolo Paulo. Não podemos nos igualar a ele quanto à estatura espiritual, quanto ao seu conhecimento de Deus, e até mesmo um gigante espiritual como ele dirá: “E, para que não me exaltasse pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de não me exaltar” (2 Co 12.7). Ela está ali, está sempre ali, está sempre presente – alguma forma de autocongratulação; e o perigo é maior, sempre maior, onde a bênção é maior.

Ah, o perigo infinito que corre lado a lado com a bênção de Deus! Como é difícil para o Senhor confiar-nos a bênção! Como é difícil para Ele nos usar! Como nos sentimos satisfeitos! Sim, é no mais alto de todos os reinos que Satanás aparece – entre os filhos de Deus (Jó 1.6). Sim, no céu. Não consigo entender isso literalmente, mas posso entendê-lo espiritualmente – que no céu Satanás aparece entre os filhos de Deus; e o próprio Satanás é transformado em um anjo de luz quando o Senhor está usando e abençoando Seu povo. “Isso é ótimo! Estamos nos tornando alguém!” – e ali está ele entre os filhos de Deus no céu. Independência – tentando fazer-nos, de forma desatenta, imperceptível, inconsciente, não intencional, agir presunçosamente, porque o Senhor fez algo. Como esse pecado é terrível! Nunca é possível localizá-lo e, por fim, deixá-lo de lado.

Como você pode ver, o poder se baseia na autoridade e, como já dissemos, o semelhante nunca pode expulsar o semelhante, Satanás nunca pode expulsar Satanás, a carne não pode expulsar a carne. “E, se uma casa se dividir contra si mesma, tal casa não pode subsistir” (Mc 3.25). A autoridade se baseia no direito, e o direito é moral. Portanto, temos de saber em que o Reino de Deus se apoia, e deve haver uma grande

divisão entre os dois reinos.

O resultado da independência

(a) Inimizade contra Deus

Qual é o efeito, o resultado, de tudo isso que resumimos nessa palavra independência? Em primeiro lugar, é a inimizade, no que diz respeito ao nosso relacionamento com Deus. Tudo isso é a soma e a essência da inimizade com Deus, e há inimizade da parte de Deus em relação a isso. Qualquer forma de independência de nossa parte no que diz respeito ao Senhor é um fator positivo de guerra com Deus. Talvez seja necessário acrescentar uma palavra a isso, porque provavelmente ninguém adotará deliberadamente uma postura independente do Senhor. Se fosse uma questão imediata entre o Senhor e você, você não faria isso. Mas há uma boa dose de independência em nós que muitas vezes procura fugir do Senhor. Essa independência pode se manifestar em várias direções. O Senhor, portanto, constituiu Sua casa de tal forma que o teste de nossa disposição de depender d'Ele, de confiar n'Ele, de entregar nosso caminho a Ele, é encontrado nos relacionamentos, nos assuntos da casa. Não podemos dizer que confiamos no Senhor, que entregamos tudo a Ele, que dependemos d'Ele, e depois, talvez, tomar um rumo independente no que diz respeito a outro filho de Deus. Isso é uma contradição. “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso” (1 Jo 4.20). A prova de seu amor por Deus é seu relacionamento com seu irmão. Portanto, nessa questão de independência, ela é testada de muitas maneiras práticas nos relacionamentos cristãos da casa de Deus. Falo da “casa de Deus” como algo espiritual – o relacionamento de todos os crentes, nesse sentido.

Ora, tudo isso se torna algo positivamente colocado contra Deus – inimizade. Se essa é a natureza de Satanás,

então Satanás é inimizado contra Deus. Isso está em nós. Há uma inimidade inata contra Deus em nós. Basta que sejamos colocados à prova em uma situação adequada para que ela se manifeste. Só preciso perguntar a você: alguma vez na vida você foi colocado em uma situação em que achou difícil render-se ao Senhor? Você sempre, em todas as circunstâncias, em todos os momentos, em todas as condições, em todas as provas e dificuldades, achou perfeitamente fácil dizer “sim” ao Senhor? Achou? Mas aqui estamos, somos colocados à prova de várias maneiras práticas para saber se, afinal de contas, não há algo em nós que precisa ser superado nessa questão da inimidade natural contra Deus.

(b) Distância de Deus

E a inimidade, é claro, cria distância. Foi assim que aconteceu no início. Imediatamente a inimidade entrou em Adão, Deus Se afastou e a distância foi criada. Era uma distância de natureza, não apenas uma distância de pessoas. Deus teve de separar o homem de Si mesmo, e o homem sabe perfeitamente bem, por natureza, que está distante de Deus. Uma das características do homem não regenerado é que ele sente que Deus está muito longe. Onde está Deus? Em algum lugar na borda do Universo. Deus está longe. Uma das primeiras características abençoadas de uma alma nascida de novo é a sensação de que Deus está próximo; a lacuna está fechada; Deus está à mão.

(c) Impotência

E o pecado traz impotência, desamparo. Esse é um fato, quer percebamos ou não, que é evidenciado de forma muito clara e forte quando surge a questão da salvação real. Mesmo que você seja alguém que tenha defendido a salvação por meio

das obras, como Saulo de Tarso, quando se trata da questão real da relação da salvação com sua vida interior, você tem de dizer: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. [...] Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.19, 24). Impotência, desamparo – esse é o resultado do pecado.

A questão da independência – Morte

Isso nos leva imediatamente ao que isso significa, ao que isso é. É a morte. O que é a morte? Sabemos que não é a cessação da existência. É a mudança da natureza de nosso ser, a mudança em nossos relacionamentos em nossa existência. Aqui, a morte é a terrível sensação de que Deus está contra você – a inimizade que se manifesta no medo e no pavor de Deus; sua plena consciência desperta para a ira de Deus. Esse é o reino da inimizade; isso é a morte. Afastamento? Ah, sim; longe, muito longe, muito fora do alcance, fora do chamamento. Você não pode buscá-LO, não pode encontrá-LO. Você clama, mas não há resposta; Ele está longe. Isso é a morte, quando sua consciência está plenamente viva para ela. Impotência? Sem esperança, sem recurso, desamparado, abandonado; isso é a morte. Esse é o resultado do pecado.

Chegamos à Cruz. Você entende esse aspecto da Cruz de nosso Senhor Jesus? Há dois aspectos da Cruz. Já dissemos que o cristianismo é um sistema de paradoxos ou contradições. Em um momento, você lerá sobre a Cruz como a coisa mais terrível – o lugar da ira de Deus, a escuridão, o terror. Em outro momento, você lerá sobre a Cruz como aquela em que o Senhor Jesus Se ofereceu sem mancha a Deus – Deus plenamente satisfeito: todos os anseios e desejos do coração da própria natureza de Deus foram plenamente atendidos. Esse é o outro lado da Cruz. Essas duas coisas se encontram na Cruz do Calvário,

e você percebe que Deus sempre deu imagens desses dois lados.

Tipos de pecado

(a) Lepra

Voltemos ao livro de Levítico, onde toda a questão do relacionamento é discutida. No capítulo 14, temos a questão da lepra e a purificação do leproso. Duas aves são pedidas para a purificação do leproso e de sua casa. Uma ave é morta, seu pescoço é torcido e seu sangue é derramado. Ela é morta como por um ato de raiva, de destruição. A outra ave é aspergida com seu sangue e solta. Ela vive – tocada por esse sangue, mas vive. Essa é a purificação do leproso – uma imagem do pecado tratado. A lepra é o pior retrato bíblico do pecado; a lepra, o que é odioso, no qual estão todos os elementos de inimizade. E a lepra separa; ela é tão contrária a tudo o que é adorável e belo. Há nela um elemento de hostilidade contra tudo o que é bom. A inimizade leva à separação, e o pobre leproso tem de se afastar. Para que ninguém se aproxime, ele grita com seu grito vazio: Impuro! Impuro! Ele é deixado de lado. E o que um leproso pode fazer? É claro que hoje temos remédios, somos capazes de salvar o leproso. Mas, naquela época, a lepra era considerada uma coisa sem esperança e indefesa.

Como o leproso é purificado? Bem, há dois lados em sua purificação. Normalmente, ele deve suportar o julgamento e ser eliminado da presença do Senhor, mas, sendo aspergido com o sangue, ele também pode viver. É a mesma pessoa, não duas metades. Por um lado, julgada, condenada e destruída diante de Deus; por outro lado, salva, com o sangue aspergido. O julgamento passou, a destruição foi executada, mas, de alguma forma, “da terra floresce o vermelho, a vida que não terá fim”. O leproso é salvo.

(b) O bode expiatório

Passando para Levítico 16, temos o ritual do grande dia da Expição, e o ponto central são os dois bodes. O sacerdote os traz e os coloca diante do Senhor. Em seguida, são lançadas sortes sobre eles, uma pelo Senhor e outra pelo bode expiatório ou “Azazel” – que significa abandono, demissão. O último bode é para o julgamento, e todos os pecados de Israel são colocados sobre ele. Ele é levado para fora do acampamento, para a desolação do deserto, para nunca mais voltar, para ficar perdido para sempre, para nunca mais ser visto. Sempre achei que uma das imagens mais patéticas de toda a Bíblia é a desse pobre bode.

Mas o outro bode, a sorte caiu sobre ele para Deus, e ele é oferecido a Deus.

Na Bíblia e no idioma hebraico, há duas palavras que são de particular interesse nesse contexto: santidade e consagração. Santidade significa “separado para Deus”. Consagração significa “dedicado”. Não sei por que, mas na Versão King James os tradutores estranhamente traduziram a palavra “dedicada” como “amaldiçoada”. Você se lembra de que Acã pegou a coisa amaldiçoada (Js 7.10-26). É a coisa consagrada (v. 11). Foi ordenado a Saul que “consagrasse” Amaleque à espada – homens, mulheres, crianças e animais (1 Sm 15.3). Aqui estão os dois lados de uma coisa só. Um, separado para o Senhor como santo para o Senhor; o outro, consagrado. Ah, mas o que significa consagrado? Pode significar consagrado ao julgamento, consagrado à destruição. Acã descobriu isso. Ele, sua família, sua tenda, tudo que ele tinha foi destruído. Ele era dedicado, consagrado. Você tem uma nova ideia de consagração agora, não tem? Consagrado; dedicado à destruição da presença do Senhor. Esse era o bode da expiação. Consagrado para ser

excluído para sempre, para nunca mais voltar à companhia do que é de Deus.

O significado da Cruz

(a) Cristo Se tornou pecado por nós

Ali está a cruz. Olhando agora para o lado escuro da Cruz, o que aconteceu nesse lado? É algo muito terrível dizer que o Filho do homem tomou o lugar de Satanás? Ele tomou o lugar daquela mesma natureza que veio de Satanás para a raça, o lugar do derramamento da ira de Deus por causa da inimizade. Ele foi feito *pecado* em nosso lugar (2 Co 5.21). O que é pecado? Encontramos nesse tratado com os bodes no dia da Expição as seguintes palavras: “E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as *iniquidades* dos filhos de Israel, e todas as suas *transgressões*, e todos os seus pecados” (Lv 16.21). Todos os seus pecados; suas transgressões (suas rebeliões) e suas iniquidades (sua perversidade). Isso é colocado no bode da expiação – rebelião e perversidade.

Isso não dá um novo e tremendo significado à palavra “obediente até a morte”? Por que o Senhor Jesus souou como se fossem grandes gotas de sangue que caíram no chão – o que o apóstolo chama de resistir até o sangue, lutando contra o pecado (Hb 12.4)? Ele havia sido chamado pelo Pai para Se tornar rebelião, perversidade, para tomar o lugar da iniquidade e da transgressão e para ter tudo isso sobre Ele. “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões [rebeliões], e moído por causa das nossas iniquidades [perversidades]” (Is 53.5). Por que Ele disse: “Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado” (Jo 3.14)? Por que uma serpente foi levantada? Você vê a natureza

daquilo que Lhe foi pedido aceitar naquele momento. Conheça-O na verdade de Seu ser, conheça-O como Ele realmente era, saiba como, por três anos e meio, longos, cansativos e amargos, Ele lutou contra todo aquele mal, recusando tudo o que pertencia a este – recusando o orgulho, recusando a tentação do diabo de agir independentemente de Deus, de aceitar um reino independentemente de Deus –, como Ele lutou durante todo o tempo contra o que Satanás tentou colocar sobre Ele – e, no fim, o Pai pediu que Ele aceitasse isso por nossa causa! Podemos compreender nisso? Não podemos!

“Ele se tornou obediente” (Fp 2.8, NAA). O que a obediência significou em Seu caso! Obediente a Deus, que disse: “Você quer, por causa da raça, aceitar tudo isso, ser julgado assim, ser tratado por Mim assim, entrar na mesma posição dela e deixar que Eu trate com você, de modo que Minha ira, devido à inimizade contra Mim, seja derramada sobre você em julgamento, e de modo que a completa retirada de Minha presença se torne conhecida por você em terrível realidade e você clame: ‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’” Quanto à impotência – “Ele foi crucificado por fraqueza” (2 Co 13.4) –, Ele não pôde salvar a Si mesmo. O resultado do pecado na Cruz foi assim; o bode do abandono foi enviado para muito, muito longe. “Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves” (Sl 22.2). Não há ninguém para responder ao clamor vindo do deserto desolador, do desamparo de Deus, do abandono de Deus. Não podemos compreender isso. A fim de desfazer por nós esse poder de Satanás, por uma terrível e eterna hora, Ele provou a morte; a ira de Deus, o afastamento de Deus e a total impotência e desamparo.

(b) Cristo aceito por Deus

No entanto, há outro aspecto da Cruz (sobre o qual teremos de falar mais, se o Senhor quiser) em que, embora tudo

o que dissemos seja verdade, e não retiramos nada dele – a terrível escuridão, negritude e terror de tudo isso –, algo mais está acontecendo. Ele oferece a Si mesmo sem mácula a Deus (Hb 9.14). Ele foi uma oferta a Deus. Esse é o outro aspecto. A palavra ganha força para nós – “O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13). Esse é o valor da Cruz. Sair das trevas para isso – na absoluta boa vontade de Deus. “O Filho do seu amor.” “Agradáveis a si no amado” (Ef 1.6). De um para o outro pela Cruz.

Eu gostaria que estivesse em meu poder tornar a Cruz mais conhecida em sua maravilhosa profundidade e plenitude em ambos os aspectos. Espero que você veja um pouco mais. Agora estamos pensando na Cruz em ambos os aspectos – julgamento e aceitação. Vejamos o que Ele fez. Ele devorou e engoliu toda a ira de Deus; não há mais nada para nós se crermos. Ele transpôs e fechou o grande abismo entre Deus e nós e nos aproximou de Deus por meio do Sangue de Sua Cruz, se crermos; e Ele nos trouxe de volta ao lugar do poder de Deus a partir de nossa impotência, para que sejamos investidos e dotados pelo Espírito Santo com o grande poder de Deus. “[...] corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior” (Ef 3.16). Embora permaneçamos fracos em nós mesmos, somos capazes de dizer: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Fp 4.13). Essa é a grande mudança.

A aplicação prática

Mas, veja, a aplicação prática precisa ser feita. Temos de chegar definitivamente ao significado da Cruz dessa maneira e dizer: “Bem, se é isso que a Cruz significa no que diz respeito à minha natureza, não há lugar para a vontade própria, para a independência; isso deve ir para a Cruz; e tudo o que pertence à velha criação deve ir para a Cruz”. E, graças a

Deus, a Cruz não é apenas um objeto de madeira instituído há muitos anos, nem é um crucifixo para ser usado no pescoço; é uma força poderosa de Deus. “Cristo crucificado [...], poder de Deus” (1 Co 1.23-24). Para fazer isso, para nos salvar da força de nossa própria vontade, para quebrar o poder dessa inimizade em nós contra Deus, para nos transformar na imagem de Seu Filho, existe o poder de Deus centralizado na Cruz. Que coisa imensa é a Cruz!

Vamos sair desta meditação com solenidade – eu quase diria com quebrantamento –, adorando pelo que ela custou a Ele. Obediência! Se uma proposta como essa for feita a nós! Mesmo em nossa pecaminosidade, em toda a nossa grande capacidade de pecar, se uma proposta como essa fosse feita a nós, recuaríamos e diríamos: “Deus me livre de ter de tocar nisso!”. Sabemos um pouco como nos esquivar de atmosferas e condições que são tão contrárias ao Senhor. Pense n’Ele! Não podemos, simplesmente não podemos entender o que significou para Ele, o Santo, ser pecado e ser solicitado pelo Pai a ser colocado em uma posição – não doutrinária e teórica, mas de fato – em que a ira de Deus foi liberada e se esgotou sobre Ele, e o abandono extremo de Deus, muito, muito extremo, invadiu Sua consciência; Ele não conseguia encontrar Deus. Ele estava desamparado, impotente. Foi isso que custou; esse foi o significado de Sua obediência para nossa salvação. Quão cara é a nossa salvação! Vamos nos debruçar sobre ela com uma adoração reverente e comovente.

Mas não somos deixados ali, graças a Deus. Nenhum de nós jamais precisará provar o julgamento de Deus; nenhum de nós jamais precisará conhecer o abandono de Deus ou o próprio Deus distante de nós. Conhecemos exatamente o oposto disso em nosso Senhor Jesus Cristo, pela fé n’Ele.

Que o Senhor aproveite a fragilidade desta exposição e

impressiona em nosso coração quão grande é o preço de nossa redenção. Fomos redimidos “não com coisas corruptíveis, como prata ou ouro [...], mas com o sangue precioso [...]” (1 Pe 1.18-19).

CAPÍTULO 7

O triunfo da justiça

“O meu coração ferve com palavras boas, falo do que tenho feito no tocante ao Rei. A minha língua é a pena de um destro escritor. Tu és mais formoso do que os filhos dos homens; a graça se derramou em teus lábios; por isso Deus te abençoou para sempre. Cinge a tua espada à coxa, ó valente, com a tua glória e a tua majestade. E neste teu esplendor cavalga prosperamente, por causa da verdade, da mansidão e da justiça; e a tua destra te ensinará coisas terríveis. As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei, e por elas os povos caíram debaixo de ti. O teu trono, ó Deus, é eterno e perpétuo; o cetro do teu reino é um cetro de equidade. Tu amas a justiça e odeias a impiedade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros.” (Sl 45.1-7)

“Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos; cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros.” (Hb 1.8-9)

Nesses dois fragmentos das Escrituras, há uma grande quantidade de coisas reunidas. Em nossa meditação anterior, vimos algo, ainda que pouco, sobre o significado da Cruz de nosso Senhor Jesus e o que significa julgamento. Agora passamos para o outro aspecto da Cruz e chegamos à base da justiça. Até aqui, a nossa atenção esteve voltada para o pecado e o julgamento; agora, para a justiça.

O conflito entre dois reinos

Mas gostaria de dizer aqui mais uma vez, para que

tudo fique bem claro, que o que estamos procurando ver nessas meditações é que o conflito cósmico entre os dois grandes reinos, o reino de Satanás e o Reino de Deus, das trevas e da luz, da morte e da vida, está se desenrolando de forma muito intensa e abrangente neste momento até o fim e que o povo do Senhor em todos os lugares está envolvido; e, em um sentido muito real, o conflito depende deles para ser resolvido. A Igreja é o instrumento e o vaso eternamente escolhido no qual e por meio do qual a supremacia absoluta do Senhor Jesus deve ser manifestada e administrada. Para isso, uma profunda preparação espiritual deve ser feita em bases e linhas muito práticas, pois esses reinos não são apenas sistemas estabelecidos de forma objetiva e exterior. Eles não são políticos, não são econômicos, não são terrenos em nenhum sentido. Eles são espirituais; e a própria essência de sua natureza, força e existência é um estado espiritual, e esse estado é encontrado na própria constituição daqueles que pertencem aos dois reinos, respectivamente.

Procuramos ver que o reino de Satanás está realmente dentro do homem por natureza. É ali, na própria natureza do homem, que Satanás agora tem sua força. Por outro lado, o Reino dos Céus é algo interior. Ele está dentro de você e, portanto, é uma questão de constituição interior. Desse modo, uma questão que se coloca para nós é se esse reino, o Reino dos Céus dentro da vida do povo de Deus, vai realmente se manifestar e expressar sua supremacia, sua ascendência; e é para isso que somos chamados, e esse é realmente o desafio dessas meditações.

Um reino governado em justiça

Agora, vamos buscar isso novamente de uma forma interior, quanto ao que significa; mas, desta vez, do lado da

justiça. Perceba que lemos: “Do Filho, ele diz: Ó Deus, o teu trono”. Não estabeleça linhas mecânicas entre o reino do amor do Filho de Deus e o Reino de Deus. É a mesma coisa em termos de significado, valor e efeito. “O qual nos tirou da potestade [autoridade] das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13). Que reino é esse? “O teu trono, ó Deus”, diz Ele sobre o Filho, “é para todo o sempre” – um reino eterno: a mesma frase usada no Antigo Testamento sobre o reino do Deus Altíssimo (Dn 4.23). “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros [...]”.

Justiça, a expressão do justo

Mas se o reino de Satanás é baseado no pecado, e se o pecado é o que dissemos que é – rebelião, perversidade, com todas as suas consequências: orgulho, egoísmo em todas as suas formas; inimizade contra Deus, separação de Deus e total impotência e desamparo para se redimir –, se essa é a base do reino de Satanás, então o Reino de Deus é baseado na justiça, isto é, naquilo que é exatamente o oposto do pecado. Se Satanás é a personificação do pecado, então Cristo deve ser a personificação da justiça, quando bem compreendido. A questão é que se trata de algo pessoal, não abstrato ou algo em si mesmo. Não fale sobre o pecado como algo abstrato. O pecado é a expressão de uma pessoa. Satanás *é* o pecado, e tudo o que emana dele é pecado. Da mesma forma, Cristo é a justiça, e a justiça que vem de Deus é Cristo, que Se tornou para nós justiça da parte de Deus (1 Co 1.30). Ele é “o Justo” (At 3.14). É pessoal. Precisamos dizer isso e enfatizá-lo, para que não tenhamos qualquer tipo de mentalidade de que estamos lidando com coisas. Em última análise, estamos lidando com pessoas e, portanto, com reinos. Em ambos os lados, a questão se resolve em “Quem?”, e não em “O quê?”. Quem terá o reino?

Agora, se “reino” sugere domínio, autoridade, poder – como, é claro, sugere –, então o domínio, a autoridade, o poder repousam sobre uma natureza e dela emanam. Eles não são ofícios, exercidos e afirmados por uma nomeação. Eles surgem da natureza da pessoa ou das pessoas envolvidas; ou seja, você e eu não saberemos mais do poder divino do que sabemos da natureza divina, da semelhança divina. Nosso poder espiritual, domínio e autoridade sobre o poder do inimigo não dependem de nada além de nossa proximidade com Deus e nossa semelhança com Ele. Qualquer sistema de ensino sobre autoridade que adote certo tipo de fraseologia e comece a lançar frases contra o inimigo sem um profundo conhecimento da base da autoridade é algo muito perigoso e pernicioso e conduzirá todos os envolvidos a problemas inevitáveis dos quais não será fácil se livrar. Isso não é apenas uma declaração de ideias, é um fato. Alguns de nós já vimos o diabo causar um estrago terrível em pessoas que se levantaram para falar que Satanás era um inimigo derrotado e lhe lançavam frases da Bíblia. O resultado disso foi a dispersão e a destruição. Mas isso não significa que não exista autoridade sobre o inimigo. O que estou tentando enfatizar é que é necessário conhecer a base da autoridade, e essa base é o que aqui se entende por justiça.

Características do Justo

(a) Mansidão

Assim, ao chegarmos à natureza do reino que se baseia na justiça, vemos como ele é oposto em todas as suas características ao reino de Satanás. Nesse último, como vimos, a soberba é o ponto de partida, a primeira característica da revolta, da rebelião e da longa história de perversidade. “Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura” (Ez 28.17). Portanto, o Reino de Deus, o reino do amor do Filho de Deus, deve ter em

seu próprio alicerce o oposto da soberba, que é a mansidão; e eu gostaria de chamar sua atenção para o grande lugar que a questão da mansidão ocupa na Palavra de Deus, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo. Vou lhe dar apenas algumas referências, que farão com que muitas outras surjam imediatamente em sua mente.

“Guiará os mansos em justiça e aos mansos ensinará o seu caminho.” (Sl 25.9)

“Mas os mansos herdarão a terra [...].” (Sl 37.11)

“O Senhor eleva os mansos.” (Sl 147.6)

“Porque o Senhor [...] ornará os mansos com a salvação.” (Sl 149.4)

“[Ele...] repreenderá com equidade aos mansos da terra.” (Is 11.4).

“[...] o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos mansos [...].” (Is 61.1)

Tudo isso nos leva Àquele que foi a plena personificação dessa característica. “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou *manso* e humilde de coração” (Mt 11.29). Para Jerusalém, foi feita a declaração profética: “Eis que o teu Rei vem a ti, manso, e montado sobre um jumento” (Mt 21.5). E Pedro fala disso como algo de grande valor quando diz: “Mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito *manso* e quieto, que é precioso diante de Deus” (1 Pe 3.4). Paulo disse: “Além disto, eu, Paulo, vos rogo, pela *mansidão* [...] de Cristo [...]” (2 Co 10.1). Para a igreja à qual, por meio dele, acabara de ser dada aquela imensa e incompreensível revelação da pré-ordenação, da predestinação, da eleição da Igreja em Cristo antes da fundação do mundo e do objetivo para o qual esses conselhos divinos a escolheram – para a igreja à qual acabara de ser dada aquela revelação

incomparável do chamado eterno da Igreja e de sua vocação e recursos celestiais –, ele desce, por assim dizer, daquele alto pináculo e diz: “Andai dignamente da vocação com que fostes chamados, com toda [...] mansidão” “Rogo-vos, pois [...], que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão [...]” (Ef 4.1-2). “Não deixe que tudo isso resulte em orgulho espiritual.” Qual é o caminho para a realização de tudo isso? Pela autoafirmação? Não, “com toda a humildade e mansidão”.

Esses fragmentos, sem dúvida, são suficientes para nos levar diretamente ao fato de que o poder sobre todo o poder de Satanás está centrado, em primeiro lugar, na mansidão. Isso significa que toda a força poderosa do pecado, todo o poderoso reino que Satanás estabeleceu, para o qual ele atraiu todos os filhos dos homens pela natureza, devem ser desfeitos pela mansidão; essa mansidão é um poder maior do que aquele.

(b) Submissão e obediência

Usamos outra palavra aqui nesse contexto: submissão. A palavra em si não aparece com frequência nas Escrituras, mas o que ela significa preenche as Escrituras. Vimos que, na rebelião de Lúcifer e pelas suas mãos depois na grande traição de Adão, o que influenciou e governou o inimigo e Adão foi a possessividade, a atração por si mesmo – “eu subirei, eu exaltarei, eu assentarei” –, e toda a força de Satanás estava voltada para possuir e segurar e não deixar ir; portanto, seu reino se baseia nisso. Isso precisa de algum argumento? Olhe em volta hoje – o agarrar, o adquirir, o estender a mão para ter, tomar, segurar, dominar pela posse. Em oposição a isso está o Reino de Deus, que é o reino do amor do Filho de Deus, e a característica de Cristo e de Seu reino é a submissão.

Mais uma vez, é significativo e impressionante o fato de que na carta aos filipenses essa questão da submissão surja, embora, infelizmente, a palavra em si não seja usada em nossa tradução. Sabemos o que essa carta contém. Evódia e Síntique estavam evidentemente defendendo seus próprios direitos. De uma forma ou de outra, elas haviam se cruzado. Uma delas talvez tenha sido a ofensora, e a outra estava defendendo seus próprios direitos. “Você deve se desculpar comigo, deve pedir meu perdão, deve devolver o que me tirou”. Então, como seu meio e método de lidar com uma situação como essa (que você pode pensar que é, afinal de contas, apenas uma pequena briga particular entre duas pessoas; por que dar tanta importância a isso?), Paulo traz o maior argumento que é possível encontrar. Implicitamente, ele volta atrás, antes que este mundo existisse, àquela cena que descrevemos anteriormente, em que o querubim cobridor, andando para cima e para baixo entre as pedras afogueadas, o ser criado mais glorioso, próximo ao próprio trono de Deus, disse: “Eu...”, e toda a confusão começou. E em Evódia e Síntique, duas pessoas nesta Terra, lá em Filipos, a mesma coisa, e isso divide. Assim, o apóstolo apela. Ele diz: “Como, em princípio, é a mesma coisa e, portanto, na prática, terá o mesmo efeito de dividir a igreja, vejam como isso tem sido tratado e ajustem-se. Havia Alguém cujo direito era ser igual a Deus; Ele não Se agarrou a essa igualdade, esvaziou-Se a Si mesmo, tornou-Se obediente até a morte, sim, a morte de cruz”.

Em nossa meditação anterior, vimos algo do que isso significa – obediência para resgatar este universo desintegrado da escravidão de Satanás. Devido a esse princípio de possessividade em ação, o Pai perguntou ao Filho: “Você será feito pecado? Você permitirá que todas as consequências desse mal recaiam sobre você, a ponto de ocorrer a grande divisão entre mim e você, e você irá para a terra do esquecimento, longe, muito longe de mim, onde clamará e não será ouvido?” – e muito mais

do que isso. E Ele Se tornou obediente. Ele disse: “Sim, eu quero”; e morreu com o coração partido por causa de tudo isso. Paulo diz a Evódia e Síntique, duas pessoas nesta Terra: “Esse é o âmbito dessa situação entre vocês, esse é o significado dela; essa coisa tem de chegar ao relacionamento e foco corretos dela”. “Rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no Senhor” (Fp 4.2). “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fp 2.5). “Rendam-se! O diabo está metido nisso; ele tem um ponto de apoio aqui e pretende, por meio de vocês duas, perturbar a própria Igreja de Deus, fazer aqui o que ele fez no céu há muito tempo e o que tem feito na Terra ao longo dos séculos. É o reino de Satanás que está aqui. A única maneira de desfazê-lo é por meio da submissão.”

Portanto (tendo em mente esse cenário), um pouco mais adiante na carta, o apóstolo diz: “Seja a vossa equidade [submissão] notória a todos os homens” (Fp 4.5). A tradução na Versão King James – moderação – é infeliz e fraca. “Que sua submissão seja conhecida por todos os homens.” O Senhor Jesus foi o grande Mestre da arte de deixar ir. Em certo sentido, toda a Sua vida nesta Terra foi uma vida de abandono. Os homens e Satanás lhe ofereceram um reino; Ele o abandonou. Durante todo o tempo, Ele soube como abrir mão; dessa forma, Ele veio a possuir. “Odiaste a iniquidade [...]” é o cerne da questão. “Por isso Deus [...] te ungiu” (Hb 1.9). “Você tem o Reino porque o deixou ir.”

“[...] como um cordeiro foi levado ao matadouro [...]” (Is 53.7). Não pode haver imagem mais perfeita de submissão. “Como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca.” Você se lembra de que quando Ele estava diante de Seus acusadores, diante daqueles que iriam matá-lo, eles fizeram tudo o que puderam para que Ele abrisse a boca

em autodefesa, mas “nem uma palavra lhe respondeu” (Mt 27.14). Isso foi submissão. Mas quem dera soubéssemos algo mais sobre o poder da submissão, o poder espiritual desse tipo de coisa! Devemos nos debruçar sobre isso por muito tempo, devemos examinar nosso coração. Não fomos criados naturalmente dessa forma. Estamos sempre prontos a dar uma resposta negativa, a nos justificar, a nos defender, a defender nossos direitos, a nos ofender, a ficar muito chateados se, de alguma forma, nossos interesses forem contrariados ou prejudicados. Sim, no ônibus, no trem, quando as coisas não são fáceis e as pessoas não nos tratam como achamos que deveriam nos tratar, nos levantamos num instante. É muito fácil sermos pegos; o espírito de mansidão nem sempre está presente. Temos muito a aprender.

Novamente, não se trata de uma questão de auto-exame e análise introspectiva. É uma questão de saber qual é o significado de ter o Espírito de Jesus residente em nós para nos tornar semelhantes a Cristo; e o que devemos ter em mente não é apenas a necessidade de sermos semelhantes a Cristo, mas a razão dessa necessidade, ou seja, que há um grande reino a ser derrubado. A submissão é o caminho para isso.

E a submissão inclui e resulta em obediência – o oposto de rebelião. Em vista do que temos dito, não creio que precisemos nos deter em mais detalhes sobre isso; mas é bom que ponderemos a afirmação específica que conclui e coroa a declaração referente à submissão do Senhor Jesus – “sendo obediente até à morte [...]”. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente [...]” (Fp 2.8-9).

(c) Dependência

A seguir, a dependência, o oposto da independência,

com todas as suas muitas formas de manifestação, das quais falamos anteriormente – seja rejeitando Deus por completo, buscando realizar nosso destino sem invocá-LO ou por meio de várias expressões menos flagrantes de independência, até o ponto em que mesmo o homem santificado começa a mostrar sinais de orgulho espiritual porque o Senhor o abençoa. É muito fácil presumir que, pelo fato de Ele ter abençoado, um passo dado pode ser repetido sem a necessidade de voltar ao Senhor e dizer: “Senhor, embora a última hora tenha sido uma hora poderosa, nada pode ser feito na próxima hora a menos que venha de Ti”. Esse movimento sutil, o de dar um segundo passo porque o primeiro foi abençoado, é fruto do orgulho espiritual – presunção.

Observe o Senhor Jesus. Se há algo que se destaca quando você O segue nesses anos aqui na Terra, é a questão de Sua dependência do Pai. “O Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma” (Jo 5.19). Muitas vezes, você quase pode senti-LO esperando, equilibrado, suspenso entre fazer e não fazer, ir e não ir, com restrições e influências sendo exercidas sobre Ele para levá-LO a agir. Você se lembra das palavras de Sua mãe, “Não têm vinho” (Jo 2.3), com a sugestão de uma oportunidade para Ele salvar do constrangimento em uma situação muito infeliz, para fazer algo muito gentil. Mas, por enquanto, Ele está tranquilo. “Ainda não é chegada a minha hora.” Ele não pode, Ele não fará isso simplesmente por sugestão dela. Seus irmãos insistiram para que Ele subisse a Jerusalém na época da Festa dos Tabernáculos, mas Sua resposta foi: “Subi vós a esta festa; eu não subo ainda a esta festa” (Jo 7.1-10). Então, quando eles subiram, Ele mesmo subiu. Durante toda a Sua vida foi assim. Ele não agiu porque outras pessoas assim o fizeram, não porque algo reconhecido a ser feito, não por qualquer consideração, sentimental ou não, em qualquer assunto. Era: “Pai, o Senhor quer isso?”. Ele não agia sem o Pai. Ele era absolutamente

dependente do Pai. O reino de Satanás não foi derrubado dessa maneira?

Não foram muitas dessas coisas que se juntaram naquela tríplice tentação no deserto? – “Manda que estas pedras se tornem pães”; “Lança-te de aqui abaixo”; “[...] se, prostrado, me adorares” (Mt 4.3, 6, 9). O que está por trás disso? “Aja por sua própria iniciativa, faça algo por si mesmo, tome o assunto em suas próprias mãos!” Mas Ele se recusou, sabendo que havia se comprometido com o Pai e que era servo do Pai. “Eis aqui o meu servo” (Is 42.1). Isso era dependência de fato.

Mas todo o nosso ser se revolta naturalmente contra a ideia de dependência. Nosso orgulho não permite que sejamos dependentes; somos independentes por natureza. Sim, esse é o veneno de Satanás em nós. Se isso entrar no reino espiritual, é, em princípio, o reino de Satanás entrando no Reino de Deus.

Mas a dependência é o caminho do poder. Por quê? Porque é o caminho pelo qual o Senhor vem. É para o manso, o dependente, que o Senhor olha. “[...] mas para esse olharei [...]” (Is 66.2). O poder resulta do fato de termos o Senhor conosco. Podemos presumir, assumir e prosseguir com alguma atividade, mas de que adianta se o Senhor não estiver conosco?

(d) Altruísmo nascido do amor

Tudo isso se resume em altruísmo, que não é simplesmente o negativo – a abnegação, a cessação do desejo, como se vê no budismo. O altruísmo é o fruto do amor, e o amor é algo muito positivo. Por que o Senhor Jesus assumiu essa posição, manteve-se firme nela e lutou essa batalha até o fim, até mesmo com grandes gotas de sangue, contra toda a pressão exercida sobre Ele pelo mundo espiritual? Por que Ele disse: “Não se faça a minha vontade, mas a Tua”? Por quê? Por causa

do Seu amor pelo Pai. O amor foi o fator positivo, e o altruísmo é positivo quando se trata desse campo. É o amor, o amor de Cristo constrangendo. Quando o amor entra, o ego sai. Portanto, não vamos adotar o lado negativo nessa questão; vamos pedir ao Senhor que nos encha de Seu amor, e o ego será eliminado. Essas duas coisas nunca poderão se manter no trono juntas. Altruísmo – é assim que o amor se manifesta; esse é o fruto do amor.

Os efeitos do pecado negados pela justiça

Qual é o resultado de toda essa mansidão, submissão, obediência, dependência e altruísmo? Bem, exatamente o oposto do que o pecado era do outro lado. O pecado era a inimizade contra Deus; o resultado aqui é o amor, o amor de Deus em Cristo derramado em nosso coração, destruindo a inimizade. O pecado foi colocado à distância; essa natureza de Cristo traz proximidade e semelhança com Deus. Em vez de impotência, vem o poder com Deus e o poder de Deus.

A questão da justiça – Vida

Se você se voltar para o livro do Apocalipse – onde todas as coisas na Bíblia são levadas a uma expressão completa –, verá que o fim dos movimentos no cosmos é o lançamento do “dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás” (Ap 12.9), do alto de seu poder; finalmente lançado para baixo, com todos os seus, para sua destruição; e então a descida do céu da Nova Jerusalém para tomar o seu lugar. Mas como isso aconteceu? “O Cordeiro vencerá...” (Ap 17.14).

Em certo momento, João disse que viu na visão um livro selado com sete selos e ouviu uma voz dizendo: “Quem é

digno de abrir o livro [...]”, e não foi encontrado ninguém para abri-lo. E ele disse: “E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro [...]”. Mas o anjo disse: “Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro [...]”. E João virou-se para ver esse Leão e, ao virar-se, viu “um Cordeiro, como havendo sido morto [...]” (Ap 5.1-6). Você está familiarizado com isso. Um Leão? Poder, majestade, domínio? Sim, tudo isso. Onde? “[...] um Cordeiro, como havendo sido morto”; um Cordeiro morto, a personificação de todas as características do Leão da tribo de Judá. “E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro [...]” (Ap 12.11).

Há um significado espiritual em tudo isso! Isso deve nos desmascarar, deve penetrar em nosso coração! Como o inimigo será derrotado? Como seu reino será destruído? Pela natureza do Cordeiro sendo tão desenvolvida em nós, o povo de Deus, para que todo o outro reino de Satanás seja desfeito em princípio. E o poder desse reino, que é um reino eterno, é o poder da natureza d’Aquele de quem se diz: “Teu é o reino [...]”. É a Sua natureza. “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso [...]”. E essa é a vida triunfante sobre a morte; e quando o Cordeiro tiver guerreado e prevalecido, e a Igreja tiver entrado no benefício disso, em comunhão com Ele, por causa do sangue do Cordeiro, por causa da palavra de seu testemunho, não tendo amado suas próprias vidas até a morte, então o caminho estará aberto para a cena final – a Nova Jerusalém; e do meio da cidade sai o rio, a água da vida. Isso é vida!

O que é vida? É deixar-se levar por Deus; é mansidão; é tudo isso de que temos falado; é Cristo, a Vida. Não estamos lidando com *coisas* – embora possa haver um lado muito literal em tudo isso e não se trate apenas de princípios e ideias abstratas –, mas por trás de tudo isso há características espirituais. Não estamos pensando em ir para o Céu até que o Céu tenha chegado até nós. Não estamos pensando em ir para o

Senhor até que o Senhor venha até nós. Não estamos pensando em um reino que será dado a nós até que esse reino já tenha sido constituído em nós. Tudo isso depende do que o Senhor faz dentro de nós agora e de nossa cooperação inteligente com Ele naquilo que Ele busca.

O Reino estabelecido interiormente pelas provações de fé

Por que Ele nos trata assim? Por que Ele nos conduz por meio das experiências pelas quais passamos? Você já teve a mínima sensação de que o Senhor o abandonou? Apesar do que dissemos sobre Cristo ter suportado tudo por nós, será que, de vez em quando, não sentimos o Senhor distante? Por quê? Nós temos nos preocupado com isso! Ele disse: “Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28.20); “Não te deixarei, nem te desampararei” (Hb 13.5). “Então, onde estás, Senhor, hoje? Parece que estás a milhares de quilômetros de distância hoje, não sinto a Tua presença.” Por quê? Simplesmente isso. O fato é que Deus não está longe. E quanto à sua fé nesse fato? Você está vivendo com base em fatos ou sentimentos? Pela fé ou pela visão? Porque tudo tem de ser estabelecido pela fé. A fé deve se levantar e dizer: “Senhor, parece que estás a milhares de quilômetros de distância hoje, mas não estás, estás aqui, de acordo com a Tua promessa. Repudio a sugestão do diabo de que Tu me deixaste e que eu entristeci o Espírito Santo e Tu me abandonaste; repudio-a com base em tudo o que Tu fizeste para preencher essa lacuna por meio da Cruz”. Quando a fé afirmar sua posição, as coisas são restauradas, o problema é resolvido.

E assim como acontece com esse assunto, acontece com todos os outros. Estamos na escola, onde devemos aprender que não apenas vivemos pela Bíblia de forma objetiva e que há um

sentido em que a Bíblia, meramente como um livro, não pode nos ajudar ou nos fazer bem. De uma forma ou de outra, é preciso fazer algo entre nós e o que Deus disse, a fim de torná-la real, e isso é feito por meio de testes e provações; e assim a realidade espiritual – o Reino – é estabelecido dentro de nós, e aprendemos a reinar sobre esse outro reino. Que o Senhor nos ajude.

CAPÍTULO 8

O Cristo triunfante e Seu povo

Há ainda esta seção em que tudo é reunido em Cristo e o crente.

Quero que realmente entendamos o que o Senhor está nos trazendo nestes dias em que vivemos, ou seja, que entendamos e apreendamos com muita clareza o cenário supraterestre de tudo o que está acontecendo. (Já usei anteriormente a palavra “cósmico”. Não gosto nem um pouco dessa palavra e não tenho certeza de que todos entendam ou compreendam a força dela; portanto, talvez se eu disser a natureza e o contexto supraterestre das coisas, você entenderá melhor o que quero dizer.) O significado disso é que as coisas não se limitam ao que está acontecendo na Terra, mas há outro cenário para tudo, um pano de fundo espiritual, e é nesse cenário que as coisas contam de forma preeminente. Esse é o reino no qual estamos nos movendo, e é o que se relaciona a isso que está se encaminhando nestes tempos para um encontro e conclusão finais, e, portanto, é necessário que estejamos muito conscientes desse cenário no que diz respeito a Cristo e aos crentes.

Todos nós já lemos relatos sobre a vida de Cristo e os achamos mais ou menos interessantes e, de certa forma, proveitosos. Achamos interessante saber quem eram os governantes romanos em Sua época, que tipo de lugar Ele nasceu, como era Nazaré, as características do lago da Galileia, que tipo de homens eram os pescadores e mil e umas outras coisas relacionadas à Sua vida terrena, todas muito informativas e de certo

tipo de valor. Isso é tudo? Essa é a história de Jesus? Você entende o que quero dizer. A verdadeira vida de Cristo não foi na Galileia ou na Judeia, nem nesse ou naquele lugar, em meio a essas ou aquelas cenas. A verdadeira vida de Cristo estava completamente fora desse reino.

A história de Jesus é uma história que nunca pode ser escrita em termos de lugares, coisas e pessoas. A vida real, a história real, está fora de tudo isso. Ela se passa no reino supraterrrestre. Na verdade, o interesse é sobrenatural, não meramente humano. Tudo tem um significado que pode ser totalmente ignorado se estudarmos apenas o que Ele fez e aonde foi, o que Ele disse e o que aconteceu com Ele. É o outro que importa – o cenário de tudo isso como na eternidade, como no centro de um grande universo, na presença de inteligências e forças espirituais e invisíveis. É aí que a vida de Cristo está escrita, é só aí que ela é verdadeiramente conhecida e, embora possamos ter todas as outras informações, com todo o seu interesse ou até mesmo fascínio, isso não nos leva muito longe.

Eu lhe pergunto: até onde o levará, em seu desesperado e terrível conflito com o pecado e os poderes do mal, saber que Jesus nasceu em uma pequena aldeia chamada Belém, com seus terraços de casas e assim por diante? Isso não o levará muito longe, não é mesmo? Mas veja essa outra cena e saiba o que está acontecendo ali, e talvez descubra que isso tem uma relação muito grande com sua experiência espiritual mais profunda. É isso que quero dizer com o cenário supraterrrestre de tudo isso, e é com isso que estamos nos preocupando agora.

A esfera de Seu triunfo

Portanto, antes de tudo, procuraremos ver Cristo nesse contexto. Precisamos, então, reconhecer que havia uma coisa

inclusiva no centro da vinda de Cristo a este mundo. Sua vinda tinha dois lados, mas era uma coisa só. Por um lado, foi a destruição do reino de Satanás, primeiramente virtual e em seguida a destruição definitiva desse reino. *Virtual* – sim, isso foi feito. *Definitiva* – ainda está para ser feita.

Os demônios reconheceram a importância de Sua presença. “Bem sei quem és: o Santo de Deus” (Mc 1.24). “Vieste aqui atormentar-nos *antes do tempo?*” (Mt 8.29). Isso aponta para a destruição definitiva. Mas Sua presença e Sua Cruz foram a destruição virtual deles. Nós entramos na linha da segunda, a definitiva, quando entrarmos na virtual; mas isso é por agora. Por um lado, portanto, a primeira foi a destruição do reino de Satanás que esteve no centro da vinda de Cristo; por outro lado, houve a inauguração do Reino dos Céus, o Reino de Deus – agora sua inauguração virtual, mais tarde seu estabelecimento literal. Essas são as coisas centrais de Sua vinda; não veio para viver a vida de um homem bom, por melhor que seja, e propor certos ensinamentos, “os ensinamentos de Jesus”, e dar um grande exemplo de como os homens devem viver, e depois ser o exemplo supremo de como os homens devem estar dispostos a morrer por seus princípios. Como tudo isso está longe de ser o verdadeiro significado!

Agora, então, há três aspectos disso que acabamos de mencionar. O primeiro é o relacionamento universal – que chamamos de cósmico – de tudo na vida do Senhor Jesus, e isso está delineado para nós aqui na encarnação, na tentação, na crucificação, na ressurreição e na exaltação.

(a) O triunfo da encarnação

Observemos como, desde o início, mesmo antes de acontecer de fato, a encarnação, a vinda em carne e o tabernacular entre nós, tocou os fatores cósmicos e terrestres dos quais

falamos: os fatores que constituem o reino de Satanás, a própria natureza de Satanás – o orgulho, a rebelião, a perversidade pelos quais esse reino satânico é constituído e mantido aqui. Eu afirmo, mesmo antes de Seu nascimento isso foi tocado. Ouça novamente a conversa que ocorreu entre o anjo e Maria quando essa grande proposta foi feita a ela. Não foi imposta a ela – esse é o ponto; não foi algo trazido a ela e do qual foi dito: “Isso é imperativo, você deve fazer isso, isso é exigido de você”. Não; foi uma proposta, uma insinuação, a apresentação a ela de um grande pensamento e intenção divinos, envolvendo-a, no que diz respeito à vida e aos relacionamentos humanos, na posição mais difícil e sensível; e isso está suspenso diante dela. Ela olha para ele e o avalia. Ela vê as implicações do lado humano. Ela vê a que isso poderia facilmente levar – que ela poderia ser uma excluída da sociedade. Nós não faríamos isso. Ela está atenta a isso e, ao ler essa história, não é difícil ver, sentir que uma verdadeira batalha está acontecendo em sua alma – uma batalha e, por fim, uma vitória; uma vitória em sua vontade e uma vitória que exige a derrubada do orgulho e de todo interesse próprio. Uma vitória poderosa – “Cumprase em mim segundo a tua palavra” (Lc 1.38) – a absoluta autorrendição de Maria à vontade de Deus. “Eis aqui a serva do Senhor” – o espírito de serva.

Você pode ver, à luz disso, o que está sendo tocado. Se o orgulho tivesse tido uma oportunidade...! Veja o que estava envolvido no que diz respeito ao reino de Satanás. Se o interesse próprio tivesse governado, se tivesse havido rebelião, perversidade, falta de vontade de abrir mão – bem, espero que o Senhor tivesse encontrado outro vaso, mas não sabemos nada sobre isso. O que vemos aqui é o grande drama das eras concentrado na alma de uma mulher, e a questão é: ela cederá, deixará ir, se submeterá à vontade de Deus? Foi nesse autoabandono que ocorreu a união de sua vontade com a vontade de

Deus, que trouxe à existência, no que diz respeito a esta Terra, Aquele que iria destronar Satanás; e o próprio destronamento de Satanás exigia a destruição do orgulho, da rebelião, da perversidade, do egoísmo, que se afirmaram no universo de Deus; e a primeira batalha foi na alma daquela mulher. Temos a época do Natal e falamos sobre o nascimento, mas não creio que tenhamos visto a coisa fantástica que estava por trás do primeiro passo da encarnação, o estabelecimento dela bem ali naquele vasto reino. Temos tido um pouco de medo de falar demais sobre Maria por causa do sistema perverso e pernicioso que existe, que a adora e deu um significado exagerado e falso às palavras de seu cântico – “Pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (Lc 1.48); e, é claro, temos a frase “a bem-aventurada Virgem Maria” e temos medo dela.

Bem, o diabo é muito esperto. Ele encobriu, por meio dessa mesma falsidade, a verdade de que ali, na alma dela, foram dados os primeiros passos para a conquista do reino dele – a derrubada do orgulho e a rendição absoluta da vontade, de modo que a vontade da mulher se tornou uma só com a vontade de Deus, para torná-la possível para que Gênesis 3.15 seja cumprido – “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

Mas isso não é tudo, apesar de tudo, na encarnação. Há o mistério do nascimento virginal. Não aceitamos a teoria da “concepção imaculada”, que faz de Maria uma criatura sem pecado. Na genealogia de Maria havia pessoas pecadoras e, naturalmente, ela herdou uma natureza pecaminosa; mas as palavras do anjo sobre “aquela coisa santa” significavam que Jesus não herdaria uma natureza pecaminosa, mas seria sem pecado, não corrompido e incorruptível. Por ato divino, houve um corte total entre o primeiro Adão e o último quanto à natureza,

e o último era totalmente outro, que não pertence a este reino, mas àquele que está lá, onde Deus está em Sua separação e em Sua diferença, Sua “alteridade”. De alguma forma, há um milagre sendo realizado pelo Espírito Santo para separar o Santo da herança profana. Isso foi necessário, veja você, para a destruição do reino de Satanás. É aí, na total separação de Cristo do primeiro Adão, que essa batalha cósmica tem sua maior força.

E depois veja como as outras forças estavam interessadas em toda essa questão. Há uma tremenda atividade acontecendo, não apenas no estábulo de Belém, nos campos ao redor e nas terras distantes – seja na terra de onde vieram os sábios, seja na Judeia, onde Herodes está. Há um interesse muito maior em tudo isso. Aqui, sobre aquela vitória na alma daquela mulher, com os princípios que estavam envolvidos e o milagre do Espírito Santo em cortar o caminho entre a corrente do pecado de Adão e aquela “coisa santa” –, aqui está concentrado todo o curso da batalha das eras; sim, Gênesis 3.15, não apenas como uma profecia e uma declaração, mas como algo com consequências tremendas e de longo alcance que surgem imediatamente.

O assassino! A história de Caim e Abel nos mostra o início da batalha de dois sistemas, e essa batalha se desenvolve, se expande, de indivíduos para tribos, de tribos para nações; e você a vê em toda a Bíblia, ao longo de duas linhas, em duas bases – assassinato e mistura. Se o adversário não puder matar, como tentou matar Moisés e outros dos servos do Senhor que estavam na linha –, se ele não puder matar o povo eleito e destruí-lo diretamente, ele o seduzirá, o enredará, de alguma forma trará a mistura, por meio de casamentos mistos, adoração mista, e alcançará seu objetivo. A Bíblia está repleta disso – assassinatos e misturas para frustrar a derrubada do reino

maligno e a chegada do outro; e é todo esse interesse e preocupação universal que está concentrado aqui na encarnação. É isso que está por trás do decreto assassino, iníquo e bárbaro de Herodes para destruir todas as crianças do sexo masculino. Já vimos isso ser feito antes para atingir outro nessa linha – a fim de pegar um, apenas um.

O diabo não se detém diante de nada para conseguir seu objetivo. A encarnação está inserida nesse reino. O nascimento do Senhor Jesus – quem dera se pudéssemos nos livrar de muitas coisas que entraram e simplesmente arruinaram seu valor espiritual, essas festividades anuais! Se ao menos pudéssemos ver o quanto isso é tremendo, além de tudo o que tem a ver com comer e beber, e assim por diante, nesta Terra! Acho que já disse o suficiente para indicar que em cada um desses pontos o cenário é o mesmo.

(b) Seu triunfo na tentação

Sabemos que a tentação ocorreu naquele ambiente, e os mesmos fatores estavam presentes na tentação. Quais eram eles? Mistura ou assassinato. Será que isso precisa ser analisado nas três tentações do Senhor Jesus após Seu batismo? Está bem claro que a sedução era o objetivo do inimigo – seduzi-LO para o seu terreno, o terreno do inimigo. “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4.9). “Você pode ter, se...” Sedução por suborno; e por suborno, corrupção. O inimigo irá até mesmo citar as Escrituras para seduzir, instando o Senhor a se lançar de um pináculo do templo com base em certa promessa das Escrituras. “Está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces com o teu pé em alguma pedra” (Mt 4.6). Mas a resposta do Senhor expôs a armadilha: “Não tentarás o Senhor teu Deus”.

Há algumas condutas pelas quais Deus não nos

preservará: as condutas da soberba. A soberba é a conduta do diabo. Davi pôde muito bem orar: “Também da soberba guarda o teu servo [...] e ficarei limpo de grande transgressão” (Sl 19.13). Teria sido uma soberba para com Deus e Sua palavra se Jesus tivesse feito isso por sugestão de Satanás. Você vê a sutileza e a profundidade da arte sedutora de corromper, de assassinar. Deus não poderia tê-lo mantido dessa forma, e Ele teria morrido. Quão profundo era esse plano! Sim, Sua tentação está situada em um mundo muito maior do que os homens fizeram dele. Muito temos lido sobre essas tentações, de natureza e significado puramente terrenos.

(a) O triunfo de Sua morte

Quanto à crucificação, nossas meditações anteriores foram suficientes para mostrar que ela foi algo mais do que a morte de um homem bom por suas convicções. Ela teve um significado de longo alcance, muito além desta Terra. Os apóstolos nos dão uma indicação muito clara do que aconteceu lá fora, quando Ele despojou os principados e potestades e os expôs publicamente, triunfando sobre eles em Sua Cruz (Cl 2.15). Esse é o cenário.

(b) O triunfo de Sua ressurreição e exaltação

Quanto à Sua ressurreição e exaltação, bem, ouça Paulo novamente: “Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro” (Ef 1.20-21). Isso não é terreno, isso não é apenas aqui. Vemos o cenário da ressurreição e exaltação de Cristo.

O que dissemos até agora é apenas a primeira das

coisas incluídas nesse grande cenário – o relacionamento universal ou cósmico de tudo o que diz respeito a Cristo.

O poder dinâmico de sua vida

A segunda coisa é o que está reunido na palavra “vida”. Esse era o ponto focal, era onde a questão estava realmente centrada. A vida! O Senhor Jesus sabia que tinha vindo com uma força dinâmica e uma virtude que responderia a tudo. “Eu vim para que tenham vida” (Jo 10.10). “Eu lhes dou [às minhas ovelhas] a vida eterna” (Jo 10.28). Ele sabia que tinha em Sua posse uma força dinâmica, cuja natureza e poder resolveriam tudo – o que chamamos de vida divina. Não é apenas uma força, é uma força porque é uma natureza; seu poder se encontra em sua natureza. Ela é divina, é vida. Uma coisa contra a qual o inimigo está voltado é isso. Todas as suas atividades estão centradas nessa vida – em primeiro lugar, para impedir que os homens a recebam. E a que ponto ele chega ao oferecer alternativas, substitutos e imitações, em vez de lhes dar a verdadeira, a genuína coisa! Que sistemas colossais de religião ele construirá apenas para atrapalhar uma coisa – impedir o recebimento da vida divina, a própria vida de Deus. E então, quando ele tiver sido enganado e a vida for recebida internamente, se puder fazer isso de alguma forma, ele estrangulará essa vida. Ele se empenhará em destruir o recipiente dessa vida, o próprio corpo em que ela existe; e quantas artes existem para fazer isso! Quanta sabedoria é necessária aos filhos de Deus para garantir que não violem as leis da vida divina! Se essa vida puder ser suprimida, frustrada, impedida ou limitada por qualquer meio, então esse é o objetivo do inimigo – fazer isso.

Por outro lado, quão grande é a necessidade do povo do Senhor de compreender e educar-se quanto aos caminhos dessa vida e de não tocar naquilo em que há morte. Essa é a verdadeira batalha ao longo de todo o caminho. Tenho certeza de que

you sabe o que quero dizer com tocar na morte. You sabe disso em seu próprio coração. Se você disser uma palavra de soberba, se começar a se vangloriar como cristão de qualquer coisa que seja terrena, pessoal, se você fala ou age de maneira imprópria para um filho de Deus, qual é o sentimento? Algo parece ter morrido dentro de você – esse é o sentimento, como se algo tivesse morrido. Sua alegria, seu descanso, sua paz, sua sensação de que o Senhor está perto de você estão encobertos. Algo aconteceu; você sabe disso; você tocou a morte.

Os caminhos da vida exigem que você não faça esse tipo de coisa. Você aprende; o Espírito da vida está dentro de você, ensinando dessa forma. Isso está antecipando a educação do crente, mas é útil ver isso aqui. Isso é o que se relaciona ao grande conflito cósmico; é a vida. Se essa vida puder entrar e seguir seu caminho, e se o povo do Senhor aprender como cooperar e corresponder com as leis dessa vida, então, neles e, portanto, por causa deles, Satanás está perdendo terreno o tempo todo e o outro reino de amor do Filho de Deus está ganhando terreno, porque esse reino também não é um sistema exterior; é algo espiritual que tem a ver com nossa vida interior. Vamos deixar isso aí.

Os crentes na esfera de Seu triunfo

Há uma terceira coisa a ser mencionada: uma semente multiplicada. Esse é o Seu modo de agir – um grão de trigo passando sua vida através da morte para cem, mil, outros grãos, multiplicando-se e multiplicando-se. Isto é, a união, a união orgânica e vital, dos crentes com Cristo, pela qual se cumpre, em um sentido espiritual, a ordenança “frutificai e multiplicai-vos” (Gn 1.22); pela vida divina transmitida por meio de Sua morte, uma semente multiplicada. Esse é o caminho para a destruição do reino de Satanás, esse é o vaso colocado no meio de toda a

cena universal.

(a) Triunfo em uma nova vida comunicada

O que é verdade para Cristo é verdade para os crentes, porque simplesmente passamos d'Ele pessoalmente para Ele coletivamente. Temos de ver que, tanto no nosso caso quanto no d'Ele, estamos inseridos nesse cenário cósmico. Nossa vida como crentes, como filhos de Deus, está inserida e recebe esse significado universal.

Qual é o significado do novo nascimento? Nós o reduzimos e o limitamos demais a uma questão pessoal de evitar o inferno e entrar no Céu, de escapar da miséria de nossos pecados e entrar na salvação e, portanto, na paz, e quando chegarmos ali, bem, talvez aprendamos algumas coisas e crescamos um pouco na graça; mas para muitas pessoas ainda é uma questão bastante pessoal – sua salvação e a salvação de muitas outras pessoas – e tudo termina com as pessoas. Mas isso é tudo? O que é o novo nascimento? Bem, é o que acabamos de dizer: essa nova vida, que não pode ser vencida pela morte, introduzida em um novo organismo – “nos vivificou [...] juntamente com ele [...] e nos ressuscitou juntamente com ele” (Ef 2.5-6) –, um novo organismo com uma nova vida, essa vida divina, comunicada. E então a batalha começa.

Por que não entendemos os conflitos elementares de um filho de Deus recém-nascido? É só quando a criança nasce que a batalha começa; e a batalha começa em seu interior. Por quê? Porque, com o nascimento da criança, ela é colocada em um mundo de outros relacionamentos, onde não é mais apenas um indivíduo com um mundo só para si. Ela agora está inserida em outro mundo; deve haver outras vontades e outras ideias; e ela se depara com algo mais. Sua própria vida entra em conflito

com a vida desse mundo. Se você tentar perpetuar as condições de vida da criança recém-nascida posteriormente e fizer com que o mundo inteiro pertença a essa criança, você a arruinará. Falamos de crianças mimadas; o que queremos dizer com isso? Queremos dizer que as tornamos o centro do mundo, como se o mundo tivesse sido criado para elas e que elas devem ter tudo o que pedem e nada lhes deve ser negado. Com esse tipo de tratamento, estamos contrariando todo o princípio de vida de uma criança, o da responsabilidade.

Leve isso para o âmbito espiritual, pois é apenas uma parábola. Quando nascemos de novo, e a vida divina se encontra dentro de nós, somos introduzidos em um mundo que é um mundo de conflito; essa vida em nós é imediatamente lançada em um reino de conflito, de vontades conflitantes, e nossa educação espiritual começa ao longo dessa linha, e essa vida tem de encontrar suas próprias potencialidades inerentes e naturais de superação. É exatamente por isso que Satanás foi deixado aqui. Talvez você se pergunte com frequência por que, quando o Senhor Jesus o encontrou na Cruz, Ele não o eliminou completamente? Se Ele tivesse feito isso, veja que muita coisa teria sido evitada! Veja todos os séculos de problemas pelos quais ele é responsável! Por que o Senhor não o eliminou ali mesmo? A resposta é que, ao fazer o que fez, o Senhor obterá muito mais do que teria obtido ao acabar com Satanás. Ele nos deu a chance de provar a tremenda potência da vida divina, até o ponto em que essa vida acaba triunfando sobre todo o poder da morte. Isso começa com o novo nascimento. O nascimento do alto é algo extraordinário em tudo o que aponta e inclui.

(b) Triunfo na transformação do caráter

Passamos para a transformação. O que é a transformação do crente? Em uma palavra, é simplesmente a

decomposição, por um lado, e a edificação, por outro. Na esfera física, isso está acontecendo no corpo de cada um de nós. Há duas coisas acontecendo: uma delas é quebrar o alimento que comemos e extrair as propriedades dele. Isso é chamado de catabolismo. A outra atividade é a construção positiva do corpo por meio da quebra dos compostos alimentares e da liberação de suas energias potenciais. Isso é chamado de anabolismo. A palavra que abrange esses dois processos é metabolismo, que significa mudança de vida. Todos nós sabemos como nos sentimos mudados depois de comer alimentos saudáveis quando o corpo está precisando deles. É assim espiritualmente. A transformação na vida cristã é assim. Esse processo de vida em nós está se desfazendo e se livrando do que é veneno e não é necessário, dizendo: “Não, isso não é bom, não queremos isso, isso deve ir embora”; por outro lado, há o testemunho interior: “Isso é o que precisamos, o que queremos, isso nos edifica”.

Se os cristãos não sabem e não estão aprendendo conscientemente o que é bom e o que não é bom para eles espiritualmente, há algo errado com sua saúde espiritual. Se a vida de Deus está agindo em nós, essas duas coisas estão acontecendo. Estamos nos tornando mais inteligentes em relação às coisas que não nos ajudam e as descartamos; por outro lado, sabemos o que é bom, o que tem valor espiritual e dizemos: “É isso que estou buscando”. É a inteligência espiritual e, por meio desse processo duplo de decomposição e edificação, estamos sendo transformados. É uma ação de vida. A transformação dos crentes acontece nessa linha.

(c) Triunfo no aprendizado de Cristo por meio da provação

E você junta a tudo isso o que o Novo Testamento tem a dizer sobre entendimento espiritual: ser “cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência

espiritual”. Nossa educação cristã, portanto, está nessa direção, mas ela vem ao longo da linha de testes, provações, adversidades, sofrimentos. Se sabemos alguma coisa, aprendemos por meio do sofrimento, da provação, da adversidade. Se conhecemos o Senhor, como O conhecemos? Bem, nosso verdadeiro conhecimento do Senhor não é o conhecimento do livro, mas apenas o que aprendemos nos fogos, nas provações. Chegamos ao conhecimento quando realmente enfrentamos as coisas com o inimigo.

(d) Triunfo na manifestação de vitórias secretas

Passamos para uma palavra sobre a manifestação dos crentes. O que queremos dizer com isso? Estou colocando tudo isso em um reino espiritual mais completo e elevado. A manifestação? Bem, Romanos 8 nos diz tudo sobre isso. “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus” (v. 19). Quando a educação for concluída e a formação ocorrer, o que estava sendo escondido, oculto nas profundezas dos crentes, será revelado. Muita coisa acontece sem que nem mesmo os mais próximos suspeitem – todas as batalhas secretas das quais os outros não sabem nada, todos os conflitos nos quais temos de nos afastar sozinhos e buscar o Senhor para obter graça, vitória e força. Todo o conflito cumulativo da vida espiritual, embora tão amplamente oculto, tem surtido efeito, tem feito algo, tem nos mudado, nos tornado diferentes, nos tornado mais semelhantes a Cristo, mais gentis, mais humildes, mais dependentes. Tudo isso tem saído da educação secreta, mas tudo isso será manifestado; os filhos serão manifestados, e com a manifestação deles será descoberto que era isso que toda a criação estava esperando. Ora, a criação foi feita para isso, para que as pessoas que a ocupam sejam como o Senhor – cheias de Sua glória. E quando isso é realizado, então o

significado da criação é explicado, e a própria criação é libertada da escravidão da corrupção. Isso nos leva à nossa última palavra: glorificação.

(e) Triunfo na glorificação

Passo por isso muito rapidamente e de forma geral. Afinal de contas, a glorificação é apenas a manifestação dessa vida em plenitude. É a própria natureza dessa vida divina levada à plenitude, e com isso a grande batalha cósmica termina. Quando nos manifestarmos com Ele em glória, a luta estará terminada, a guerra acabará, Satanás não terá mais terreno nem lugar e a Nova Jerusalém descerá do céu, vinda de Deus.

Isso é muito comentado. Preocupo-me apenas com o fato de que nossa amplitude e expansão de pensamento e muitas palavras não nos afastem do desafio e da importância imediatos. É nisso que estamos agora. É um assunto sombrio. Há questões tremendas que dependem de toda essa questão de nosso cenário – desde nosso nascimento espiritual até nossa manifestação em glória; coisas tremendas que dependem de nossa vida espiritual – do que está acontecendo em nós, de como estamos aprendendo, de como estamos crescendo, de como essa vida está seguindo seu caminho, de como estamos conhecendo o Senhor e de como estamos contando com o invisível.

O verdadeiro valor não está ligado a nós meramente como pessoas que pertencem a uma religião chamada cristianismo, que creem e fazem certas coisas, mas nosso valor real é como homens e mulheres vivos que consideram, assim como nosso Senhor considerou, o reino muito além da superfície da Terra. Se não considerarmos isso, tudo será uma caricatura, não significará absolutamente nada. Que o Senhor nos faça considerar dessa forma por Ele!

CAPÍTULO 9

A coroação

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2 Tm 4.7-8).

“Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam” (Tg 1.12).

“Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” (Ap 2.10)

“E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória.” (1 Pe 5.4)

“Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos [...]” (Hb 2.9)

As passagens acima trazem à tona e resumem praticamente tudo o que viemos tratando em nossas meditações anteriores. Três palavras resumem tudo: justiça, vida e glória. Você notará que há três coroas no fim: a coroa da justiça, a coroa da vida e a coroa da glória. Evidentemente, o que se quer dizer

com “coroa” é o selamento de um percurso em triunfo, com honra, com exaltação, sendo a coroa o símbolo tanto da vitória quanto da honra vitoriosa.

Coroação em relação a uma provação

Você perceberá essa característica comum em todas as passagens – em todos os casos o relacionamentos tinha a ver com uma provação. O apóstolo Paulo disse: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”; uma provação expressa por três metáforas – uma luta, uma corrida, uma confiança –, todas indicando que algo muito sério estava em questão. As outras duas passagens, de Tiago e do Apocalipse, sugerem uma provação, um período de severa provação e teste. “Bem-aventurado o homem que sofre a tentação [provação].” “Sê fiel até a morte.” E da mesma forma também com Pedro. Você sabe que os escritos de Pedro podem ser resumidos, em grande parte, nas palavras “sofrimento” e “glória”. É ele quem escreve muito sobre a provação da fé, mas também escreve muito sobre a glória após a provação. Aqui está em Pedro – a coroa de glória. “E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória.”

Agora, a questão é que há algo muito sério em andamento; e esse é, naturalmente, o resumo de todas essas mediações. Do início ao fim, o Senhor tem procurado nos conscientizar do assunto sério que está em pauta neste momento para a Igreja: nada menos do que o cumprimento de sua vocação, a realização de seu percurso, a preservação intacta de sua confiança. Em outros termos, não é menos importante do que provar o senhorio absoluto de Jesus Cristo no reino das forças satânicas, forças que estão tão evidentemente pressionando e buscando, com novos esforços e atividades de longo alcance, colocar o Reino de Deus de lado e excluir o Senhor Jesus deste mundo.

Se eu não estiver enganado, o Senhor reunirá Sua Igreja neste tempo do fim e a conscientizará daquilo para o qual ela foi eternamente escolhida em Cristo e para o qual ela existe como instrumento e recipiente – a resposta a esse desafio neste universo aos direitos soberanos do Senhor Jesus.

Será que estamos realmente atentos ao fato do tremendo desafio ao Reino de Deus que existe no mundo hoje? Ouvimos falar de muitas coisas perturbadoras que estão acontecendo. Espero que você não esteja considerando todas elas simplesmente no nível terreno e ficando mais ou menos paralisado com a perspectiva. Em vez disso, devemos olhar por trás dos acontecimentos e ver o presságio, o significado deles. O que vemos e ouvimos é apenas o primeiro plano da situação, o aspecto terreno, de algo mais, algo diferente; e esse algo diferente é a proposta de Satanás – talvez a última – pelo reino.

Estamos nos aproximando dos últimos dias. As pessoas com discernimento espiritual certamente podem ver o rumo das coisas hoje, e, à luz disso, o povo de Deus deve saber qual é a sua posição, e não é de forma alguma fora de propósito citar palavras como estas: “Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias” (Ap 2.10). Não entenda isso literalmente; dez é o número da responsabilidade. Você será colocado em uma posição em que toda a responsabilidade pelo testemunho de Jesus será resolvida, quer você permaneça de pé ou caia, e isso se tornará uma questão de fidelidade até a morte. Agora, quer haja uma prisão literal ou não, podemos ver que o povo de Deus está enfrentando perspectivas muito sérias neste momento. Talvez nem todos estejamos sentindo a força total do antagonismo neste momento, mas essas declarações são muito apropriadas para a situação de muitos.

O mal está se infiltrando, e a Igreja foi escolhida para

dar a resposta a ele. E, em nossa medida, estamos todos envolvidos. É claro que o quanto você realmente conta espiritualmente depende inteiramente do quanto você está se relacionando com o Senhor, qual é sua posição espiritual; mas alguns de nós, que tiveram tempo suficiente para aprender, sabem que a pressão espiritual é algo mais intenso hoje do que jamais foi em nossa vida. O inimigo, em algum momento, parecia nos dar certa folga, mas agora ele não nos dá muita. Uma coisa segue a outra. Talvez eu esteja falando ao vento para alguns, mas, mais cedo ou mais tarde, descobrirão que isso é verdade.

A coroa da justiça

Agora, você vê essas três coisas. Em primeiro lugar, a justiça – a coroa da justiça. O que dissemos em meditações anteriores é que a justiça é o campo de batalha desse grande conflito cósmico entre os dois reinos. E o que é a justiça? Bem, afinal de contas, é uma questão de Deus ter Seus direitos. Esses direitos de Deus ao senhorio absoluto foram contestados ou desafiados há muito tempo – antes da criação deste mundo atual. Se não houve sucesso no Céu, o desafio seguiu na Terra. Uma grande traição a Deus por parte de Adão colocou este mundo e esta raça nas mãos de Satanás. O ego, em todas as suas formas de soberba – interesse próprio, autorrealização, o “eu quero” satânico –, ergueu-se em Adão contra Deus; e isso é injustiça. E a justiça, como vimos, é exatamente o contrário disso – não mais o “eu”, mas o Senhor, a mudança do centro das coisas, do centro do eu para o centro de Deus. Esse é o campo de batalha, e sabemos que isso não está fora de nós mesmos, mas dentro; e quando nos é dito que Ele foi feito pecado por nós, para que pudéssemos ser feitos justiça de Deus n’Ele (2 Co 5.21), sabemos que a provisão foi feita para que desfrutássemos de uma mudança de disposição. A justiça é uma disposição para que

Deus seja tudo em todos, para que tudo esteja centrado em Deus e seja para Ele. A injustiça é a disposição de que nós sejamos o centro e que tudo seja para nós; e isso é satânico.

Mas se você prestar atenção nisso, verá que é exatamente a isso que Paulo estava se referindo. Ele é o grande apóstolo da justiça. Não é preciso dizer isso. Quando olhamos para ver o que Paulo queria dizer com justiça e o que isso significava para ele, como somos constantemente confrontados com a Cruz, e a Cruz em relação ao homem! Estamos muito familiarizados com os capítulos de sua carta aos romanos, especialmente o capítulo seis. Conhecemos Gálatas 2.20 e muitas outras passagens semelhantes, como 2 Coríntios 5.14 – “Um morreu por todos, logo todos morreram”. Ele não considerava a justiça como algo abstrato. Para ele, a justiça era uma questão de um homem ser substituído por outro – de Adão ser colocado fora da corte e Cristo ser colocado em seu lugar. É isso que o apóstolo quis dizer com justiça. Ela estava focada e centralizada na Cruz, onde não apenas os efeitos secundários da queda – os pecados – são tratados, mas também o efeito primário – o pecado. O pecado é o destronamento de Deus de Seu verdadeiro lugar. A justiça é trazer Deus de volta ao Seu lugar, aos Seus direitos e à Sua posição legítima; e a Cruz fez isso.

Paulo foi o grande defensor da justiça que é estabelecida pela morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus, e é a essa luta que ele se refere. Na verdade, ele está dizendo: “Eu me comprometi com a grande luta para que Deus tivesse Seu lugar de forma incondicional e absoluta. Envolvi-me em um percurso, cujo objetivo era que Deus fosse tudo em todos. Essa foi a confiança depositada em mim – garantir a Deus Seus direitos por meio da Cruz do Senhor Jesus. Minha vida foi deramada para isso; essa tem sido a luta”.

E essa luta era, muitas vezes, tanto interna quanto

externa para Paulo. Ele podia falar sobre a luta contra as feras em Éfeso; ele conhecia o aspecto objetivo dessa luta. Mas o quanto ele fala sobre sua própria luta, sobre o que está acontecendo em seu interior! E não foi fácil para Paulo manter essa posição de total autonegação, de recusa de si mesmo, e manter um percurso com e para Deus. “Essa”, ele diria de fato, “é a maneira pela qual a resposta é dada a esse desafio ao lugar de Deus neste universo. Ela está centrada, é travada nesse campo de batalha da justiça, e essa é uma questão pessoal e interior”. E ele é tão pessoal. Você se lembra destas palavras escritas aos filipenses: “[...] para que possa [...] e seja achado nele, não tendo a minha justiça [...], mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições” (Fp 3.8-10). Ele está pensando na batalha sobre essa questão da justiça, que, no fim, é o destronamento do inimigo.

No que nos diz respeito, o primeiro aspecto dessa questão chega diretamente a nós como um desafio: até que ponto renunciaremos a nossos interesses pessoais – tudo o que é pessoal em nossa vida aqui neste mundo – para que Deus tenha o Seu lugar? Isso é muito simples em palavras, mas uma coisa tremenda em termos de experiência; é uma verdadeira batalha. Chega-se ao seguinte ponto: o Senhor, a todo custo, realmente terá o Seu lugar? Paulo disse: “[...] pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória [...]”, e é assim que deve ser. Se tivermos qualquer direção egoísta, qualquer interesse pessoal a ser servido, e não estejamos totalmente abandonados para que o Senhor faça o que quer, o reino de Satanás será mantido intacto. Sempre foi por meio de pessoas que não tinham interesse na vida ou na morte, mas que o Senhor ocupasse Seu lugar e Seu fim, que o reino de Satanás foi invadido e derrubado. E essa é a justiça; esse é o campo de batalha. Isso é o que nos atrai e é o teste de nosso real interesse na vida.

O apóstolo diz que há uma coroa da justiça no fim do percurso. Ele não está dizendo que é a coroa chamada justiça. É a batalha da justiça travada, o percurso da justiça concluído, o depósito da justiça preservado intacto, e Deus coroa isso no fim; Ele dá o selo e a marca de aprovação, a coroa da justiça.

A coroa da vida

A coroa da vida. É claro que isso também ocorre em um cenário de dificuldade, sofrimento e adversidade. “Bem-aventurado o homem que suporta a tentação.” Mas a vida não é o campo de batalha; a vida é o objeto em jogo. Desde o início tem sido assim – a batalha pela vida. Satanás, no princípio, planejou e operou para capturar a raça humana para si mesmo e derrotar os objetivos de Deus para ela. Onde quer que tenha sido bem-sucedido, ele o fez da seguinte maneira: impediu que os homens tivessem a vida divina, porque esta não é apenas a continuidade da vida, é uma natureza, um tipo de vida. Essa é a questão sobre a qual toda a batalha está sendo travada. A vida é a marca da vitória, tanto agora quanto depois. Sempre que triunfamos nesse campo de batalha em que Deus tem Seu lugar e Seus direitos, há uma nova liberação de vida. Sempre que, em alguma controvérsia com o Senhor quanto ao Seu lugar, quanto à Sua vontade, houver vitória e Ele receber o que Lhe é de direito, sabemos que a vida se levanta imediatamente. Até que isso seja resolvido, há uma prisão. Quando nós nos voltamos ao Senhor, para enfrentar a questão e resolver o problema com Ele, então o impedimento desaparece, a vida volta a brotar e somos libertados. É exatamente isso que é o objetivo de todas as atividades do inimigo – tentar extinguir a vida. A vida é a questão.

Agora, diz a Palavra aqui, você está na batalha pela vida. Satanás quer acabar com você, destruí-lo. Como filho do Senhor, a questão é com você. O quanto você se apegará à vida

do Senhor, o quanto permanecerá no solo divino, o quanto resistirá, pela fé, à operação da morte, nessa proporção você conhecerá a vida. Como isso funciona de muitas maneiras, em muitos detalhes! Quase todos os dias em nossa vida essa questão surge – se vamos permitir que a morte faça o que quer. Você sabe o que quero dizer com morte. Não estou falando de ser colocado em um caixão, mas da morte espiritual – aquelas forças sufocantes, entorpecentes e sombrias que se apoderam de seu corpo, mente e espírito e o envolvem. Você se levanta de manhã e se pergunta o que está acontecendo com você. Sem nenhuma razão aparente, você se sente deprimido, “morto”. O que você vai fazer a respeito? Vai ceder e dizer: “Bem, não estou me sentindo muito bem, acho que vou desistir um pouco”? Você vai se render a isso? Bem, se fizer isso, não conseguirá se libertar novamente até que haja uma luta real em oração. Você descobrirá que há algo mais do que apenas um sentimento ruim passageiro, é a batalha pela vida que você está travando.

Todos nós estamos nessa batalha, e, a partir dessas formas simples e pessoais, a batalha está se intensificando e se ampliando neste momento e está se tornando a batalha *da Igreja* – esse é o ponto – de uma forma interior. Será que a Igreja realmente se levantará e vencerá essa terrível onda de morte que está se espalhando pela Terra? Essa é uma questão que cabe a nós; mas essa é a questão. Por que não reconhecemos mais rapidamente qual é o problema? Olhamos para as causas secundárias, pensamos imediatamente que a explicação é isso ou aquilo, mas o problema real veio de outro lugar, de trás; e esse tipo de coisa está aumentando. Estamos em uma batalha pela vida; essa é a grande questão do início ao fim.

Agora, diante disso, o que vamos fazer? “Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida.” Como seremos aprovados? Você

nunca viu um acadêmico aprovado que tenha jogado de lado a prova e dito: “Nunca vou conseguir fazer nada com isso! Não adianta tentar!”; ou que chegou tão longe e disse: “Não posso fazer mais nada, desisto!”. “Sê fiel até a morte”; vá até o fim com isso. É o que o apóstolo está dizendo. É uma batalha? Bem, não desista. É um percurso? Não desista. É uma responsabilidade? Não renuncie a ela. Vá até o fim e você receberá a coroa da vida.

A coroa da glória

“E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória.” O que é a coroa da glória? Bem, é simplesmente a natureza da justiça e da vida se manifestando; pois a justiça é a glória oculta, a glória é a justiça manifestada. Glória? Pode ser que, de uma forma ou de outra, seja uma glória perceptível, no sentido de algum brilho em nós pessoalmente. Às vezes, quase podemos ver isso nas pessoas – naquelas em que há uma devoção tão absoluta ao Senhor e um altruísmo tão completo na vida. Nessas pessoas, às vezes, você vê certo brilho, mesmo fisicamente. De qualquer forma, olhando por outro lado, é verdade que nas pessoas que estão sempre ocupadas consigo mesmas, ocupadas com seus próprios problemas e com as dificuldades de seu caminho não se vê muito além de uma sombra escura, mesmo em seus rostos. Elas não trazem nada de luz, brilho e glória com elas.

Bem, pode ser que a glória real e literal finalmente irrompa nesses corpos glorificados, mas acredito que a fonte e a sede dela sejam espirituais. É a vida do Senhor se manifestando em plenitude. É a natureza do Senhor – a justiça – irrompendo e mostrando exatamente o que ela é. É a manifestação do triunfo sobre o pecado e a morte que é a glória.

É muito importante notar o contexto das palavras de

Pedro. Ele acabara de falar com os pastores, dizendo-lhes para apascentar o rebanho não por lucro imundo, não por elogios, não para obter algo para si mesmos e não porque estejam sob a obrigação de fazê-lo, mas de forma altruísta, desinteressada, abandonados aos interesses do Senhor, negando a si mesmos. Pode ser custoso fazer esse trabalho para o Senhor, mas se você o fizer assim, sem outro motivo ou objetivo que não seja a satisfação do Senhor, “quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória”. Bem, no fim das contas, esse é o resultado do fato de a vida pessoal ter sido completamente deixada de lado e de somente o Senhor preencher nossa visão, governar nosso coração e ser nosso motivo.

Justiça – Deus ocupando Seu lugar; e, por causa disso, há libertação, há vida, há vitória; e quando Deus ocupa Seu lugar e a vida de Deus reina em nós, então há glória no fim. Essas três coroas, esses três selos, essas três marcas de que triunfamos, de que o Senhor obteve aquilo que Ele colocou em Seu coração, com elas Ele atesta, no fim, aqueles que estiveram com Ele na batalha. O campo de batalha é a *justiça*; o objetivo da batalha é a *vida*; o resultado da batalha é a *glória*.

Que o Senhor nos encontre na corrida pelas três coroas, mas é uma batalha, uma batalha mortal e uma batalha interior. Às vezes, penso que seria muito mais fácil se estivéssemos apenas em uma batalha exterior, se pudéssemos atacar algo objetivo. Quando aquilo que deve ser vencido é interior, quando sou eu mesmo que preciso ser morto, não é tão fácil. Que sejamos fiéis até a morte.